



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**SARA LOPES RIBEIRO**

**RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA: REVISÃO  
SISTEMÁTICA A PARTIR DE PERIÓDICOS CIENTÍFICOS  
DA EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA**

**SÃO CRISTÓVÃO/SE**

**2023**

**SARA LOPES RIBEIRO**

**RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA: REVISÃO  
SISTEMÁTICA A PARTIR DE PERIÓDICOS CIENTÍFICOS DA EDUCAÇÃO  
FÍSICA BRASILEIRA**

Monografia apresentada ao curso de Educação Física - Licenciatura da Universidade Federal de Sergipe, como requisito à conclusão da disciplina Monografia II

Orientador: Prof. Dr. Cristiano Mezzaroba

**SÃO CRISTÓVÃO /SE**

**2023**

**SARA LOPES RIBEIRO**

**RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA: REVISÃO SISTEMÁTICA A  
PARTIR DE PERIÓDICOS CIENTÍFICOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA**

Monografia aprovada como requisito para obtenção do grau de Licenciada no curso de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Edivania Alves dos Santos  
Membro convidado

---

Prof. Dr. Fabio Zoboli  
Membro convidado

---

Prof. Dr. Cristiano Mezzaroba  
Orientador

São Cristóvão, 31 de agosto de 2023

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço a Deus e Nossa Senhora por me Manterem firme e Renovarem minhas energias para que pudesse alcançar essa graça.

Agradeço também a minha família minha mãe Carmosita, meu pai José Ribeiro, meus irmãos Graziela, Gabriela, José Paulo, Danilo e Soraia, por todo apoio e suporte durante esses anos de Universidade. Deixo um agradecimento especial para minha irmã Suzana, pois, foi graças ao incentivo dela que consegui ingressar na UFS.

Agradeço aos meus amigos de curso Lalayne Yasmim (MINHA DUPLA), Árlisson Santana, Nildênis Carvalho, Andrielle Dias, Rebeca Pina, Joice Kelle, Isadora Luz, Yuri Góis, Brena Valéria e Letícia Souza, por todos os momentos compartilhados, momentos esses que levarei comigo.

Agradeço as minhas amigas do Salto Alto, assim como a minha família Mncó. Sem esquecer da minha excelentíssima, magnífica treinadora Kelly Mônica personal.

Por fim, e não menos importante, agradeço ao melhor departamento da UFS, o departamento de Educação Física, assim como aos meus professores José Américo, Fabio Zoboli, Priscilla Kelly, Sergio Dorenski, Hamilcar Silveira, Benedito Carlos, Caê Rodrigues, Renato Izidoro, Roselaine Kuhn, Quéfren Weld, Ricardo Aurelio e Felipe José. Agradeço também a professora Maria Edivania por aceitar participar da minha banca de defesa.

Em especial agradeço ao professor e meu orientador Cristiano Mezzaroba, por todos os ensinamentos compartilhados, paciência e cuidado que teve comigo durante minha graduação.

## RESUMO

A pesquisa apresenta um estudo realizado sobre os conflitos que envolvem as relações de gênero nas aulas de Educação Física. Considerado como um estudo do tipo revisão sistemática, com caráter descritivo-exploratório e de abordagem qualitativa, os dados foram coletados nos *sites* das revistas de Educação Física brasileira com qualificação Qualis/CAPES de A1 a B2, no qual totalizamos 10 (dez) revistas selecionadas (Motrivivência, Movimento, Pensar a Prática, Revista Brasileira de EF e Esporte/USP, Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Motriz, Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde, Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano, Revista Brasileira de Ciência e Movimento/UCB e Revista Licere/UFMG). O objetivo da pesquisa foi analisar as ações pedagógicas de professores de Educação Física para mediar conflitos relacionados às questões de gênero no contexto escolar. A amostra final de artigos selecionados para a amostra de dados, teve um total de 27 textos. Destacamos as revistas que mais publicaram sobre a temática, que foram a Motrivivência (UFSC) e a Movimento (UFRGS). É importante salientar que o conflito com relação a “agressividade” dos meninos, e a falta de habilidade das meninas durante a prática das aulas mistas, tiveram destaque nos artigos. Vale ressaltar que, não foi identificado ações pedagógicas operacionalizadas para todos os conflitos encontrados.

**Palavras-chave:** gênero; Educação Física; conflitos; ações pedagógicas.

## Sumário

<b>1</b>	<b>Introdução.....</b>	<b>7</b>
<b>2</b>	<b>Elementos teóricos conceituais sobre gênero.....</b>	<b>12</b>
	2.1 Introdução ao Gênero em relação ao seu contexto histórico.....	12
	2.2 Gênero & Educação Física.....	16
<b>3</b>	<b>Procedimentos metodológicos.....</b>	<b>21</b>
	3.1 Abordagem de pesquisa.....	21
	3.2 Tipo de pesquisa.....	23
	3.3 Instrumentos de produção dos dados.....	25
<b>4</b>	<b>Apresentação e Análise dos Dados.....</b>	<b>27</b>
<b>5</b>	<b>Considerações Finais.....</b>	<b>50</b>
	<b>Referências.....</b>	<b>52</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A pesquisa apresenta os estudos adquiridos sobre as ações pedagógicas operacionalizadas pelos professores de Educação Física (EF) com relação aos conflitos de gênero, a partir de periódicos científicos do campo da EF brasileira. Escolhemos estudar o tema a partir de periódicos, devido à pandemia do covid-19\*, que nos impossibilitou de estar presente nas escolas e assim, conseguir observar as aulas para obter os referentes dados para a pesquisa.

No projeto inicial, a ideia era observar aulas de EF em turmas do ensino fundamental de escolas públicas em Salgado - Sergipe, visando identificar as ações pedagógicas operacionalizadas pelos professores diante os conflitos de gênero nas aulas de EF. Assim como também realizar entrevistas com os professores(as), para adquirir mais informações sobre o referido tema.

O interesse em estudar as relações de gênero surgiu a partir do meu projeto de pesquisa feito quando cursei a disciplina Pesquisa e Docência I. Este projeto relatava o preconceito sofrido por mulheres que jogam futebol. Havia uma necessidade no plano individual em entender o universo de aspectos que rodeavam esse preconceito, e como este surge e se dissemina na sociedade, tendo em vista que o mesmo se reflete na escola de várias formas.

Araújo (2005) mostra que antes da criação e utilização do termo “gênero”, as categorias utilizadas para se referir aos seres humanos eram “sexo” e o binarismo masculino x feminino. Quando surgiu o termo “gênero” era mais utilizado como sinônimo de “mulher”. A partir de movimentos feministas de inglesas e americanas na busca por igualdade que a categoria histórica e de análise “relações de gênero” foi introduzida. O gênero começa a ser utilizado para enfatizar os aspectos culturais relacionados às diferenças sexuais.

Diante disso, entendi que era pertinente investigar e conhecer mais sobre as relações de gênero e em como esta interfere nas relações sociais na escola, seja na escolha do “amiguinho” com quem as crianças irão brincar, seja no recreio, seja nas aulas de qualquer componente curricular ou mesmo nas aulas de EF. Sendo aluna do curso de graduação de EF licenciatura,

---

\* Covid-19- Pandemia ocasionada pelo vírus Sars-cov-2, que se originou na China, espalhou-se pelo mundo causando muitas mortes e acarretando a pandemia decretada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em março de 2020, sendo ainda no começo de 2023, a pandemia de covid-19 continua até os dias de hoje. Devido ao vírus, as pessoas precisaram ficar em isolamento social, e só sair em casos de extrema urgência e fazendo uso da máscara. Os ambientes que pudessem causar aglomerações, foram obrigados a fechar. No mundo, a pandemia teve um total de 767.726.861 casos e 6.948.764 mortos até o dia 05/07/2023. Disponível em: <https://covid19.who.int/>. Acesso em: 11 jul. 2023.

visando buscar novos conhecimentos e vivências, senti o desejo em conhecer mais sobre as relações de gênero e em como elas podem afetar ou não as aulas de EF.

As questões que envolvem gênero e EF acontecem no contexto educacional, no chão da escola. Nesse sentido, é imperativo o olhar atento do dos(as) professores(as) da disciplina para compreender como lidar/encaminhar as situações de conflito. Um estudo documental, de levantamento bibliográfico, pode ajudar a identificar práticas educativas exitosas referentes a temática nas aulas da EF escolar.

Assim, a presente pesquisa, tem como questão de pesquisa: **quais ações pedagógicas são desenvolvidas por professores de Educação Física, diante dos conflitos relacionados às questões de gênero no contexto escolar?**

Partindo de tal questão problematizadora o **objetivo geral** pode ser assim explicitado:

Analisar as ações pedagógicas de professores de Educação Física para mediar conflitos relacionados as questões de gênero no contexto escolar.

Em relação aos **objetivos específicos**, são os seguintes:

- Identificar os conflitos escolares relacionados as questões de gênero.
- Descrever as ações pedagógicas operacionalizadas pelos professores da EF para intervir ou minimizar os conflitos causados pelas relações de gênero nas aulas de EF.

A pesquisa tem como **justificativa** o fato de que é notório que as relações de gênero têm bastante influência na maneira das pessoas se relacionarem no seu dia a dia. Cada vez mais cedo elas começam a sensibilizar as crianças e culminam na maneira em que os jovens se relacionam entre si dentro e fora da escola. Esses conflitos chegam as crianças em suas casas juntamente a seus familiares, quando os mesmos apresentam a elas os brinquedos tidos para meninos como por exemplo, uma bola de futebol e os brinquedos para meninas, que geralmente são bonecas ou brinquedos que se relacionam com contextos do lar, e o que cada um pode ou não fazer em relação ao universo do lúdico e da brincadeira.

As diferenças entre meninas e meninos certamente não são naturais, embora historicamente passem a ser “naturalizadas”, a ponto de estarmos em pleno século XXI e tais questões ainda demandem conversas, tensões e investigações sobre a temática ainda tratada de forma polêmica. As meninas que apresentam “meiguice” ou os meninos que “falam aos gritos” são resultados do modo como as relações de gênero foram construídas na nossa sociedade ao longo do tempo. (DANIELA, 2006, p. 39)

E assim, ao chegar à escola, as crianças reproduzem o que lhes foi passado em casa, já na “escolha” do com quem brincar: “meninos brincam com meninos, e meninas com meninas”. Em muitas escolas isso é alimentado entre as crianças. Dessa maneira os preconceitos crescem e vão ganhando formas discursivas e corporais, chegando ao que conhecemos como formas de exclusões, tanto em atividades, quando os meninos se recusam a realizá-la com meninas, e as meninas com meninos, e quanto no convívio social, quando um homem está em determinado lugar com muitas mulheres, e se cria logo o julgamento de que o mesmo é homossexual.

Homens e mulheres possuem muita dificuldade em ocupar espaços onde um gênero seja mais predominante que o outro, nesse tipo de situação é possível identificar um preconceito social estabelecido, “quanto ao gênero, verificamos que homens raramente comparecem em atividades em que predominam as mulheres, assim como mulheres não aparecem em atividades em que predominam os homens, sejam quais forem essas atividades”. (VOTRE, 2009, p. 10)

Buscando entender mais sobre esses conflitos, sobre as ações pedagógicas construídas pelos professores e buscando enriquecer e agregar conhecimentos às minhas experiências como futura docente, visando que os conflitos de gênero podem dificultar e proporcionar grandes empecilhos nas aulas, que me baseio para aprofundar-me nesse objeto de estudo. Ou seja, pretendo aprender mais sobre tal assunto, na busca em fazer com que a escola não seja um instrumento de preconceitos, mas de promoção e valorização das diversidades que enriquecem nossa sociedade.

Eu, mulher, jogadora de futebol e amante da modalidade desde pequena, fui objetivo de julgamento por tais escolhas, pois existia um senso comum que definia isso como práticas destinadas ao público masculino. Isso passou a ser mais claro quando me mudei para a cidade\*, no povoado\*\* onde presenciava esse preconceito com relação às meninas que jogavam futebol não era tão explícito, a prática realizada pelas meninas, não era vista com maus olhos entre as pessoas.

Ser mulher e jogar bola, é “matar um leão a cada dia”, é ter que provar sua feminilidade, é ter que lidar com a falta de respeito principalmente por parte do público masculino. Expresso isso, com um parecer vivenciado por mim em meu cotidiano, devido a um problema com questões de horário na quadra, em que, por algumas vezes, os homens não esperaram as mulheres saírem e, já iam invadindo o espaço. Tal exemplo evidencia mais uma razão, para me

---

\* Salgado, município de Sergipe.

\*\* Povoado Canaã, que fica localizado em Salgado.

estimular a estudar este tema que envolve gênero e EF escolar, visando que, assim como eu, outras meninas vindas do povoado, consigam lidar melhor com situações de desrespeito.

A investigação abordada nesse trabalho pode ser de grande relevância para EF, pois apresenta informações sobre as relações de gênero existentes no meio escolar, que podem influenciar de forma negativa ou positiva as aulas de EF. Tendo em vista que o estudo de revisão apresenta um panorama de conhecimento do que já foi investigado e publicado, a presente pesquisa teve como objetivo realizar uma revisão sistemática do que foi estudado sobre a temática nas revistas brasileiras de EF, que são elas: Motrivivência, Movimento, Pensar a Prática, Revista Brasileira de EF e Esporte (USP), Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Motriz, Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde, Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano, Revista Brasileira de Ciência e Movimento (UCB) e a Revista Licere (UFMG), onde estas foram selecionadas a partir da classificação QUALIS/Capes de A1 a B2. Assim, o estudo traz a este campo do conhecimento um importante panorama envolvendo uma temática/problemática contemporânea.

Visando minimizar a falta de informações diante das relações de gênero, e expor as diferenças e preconceitos existentes entre meninos e meninas, esta pesquisa contribui de forma bastante significativa, junto ao acervo de concepções dos(as) professores(as) de EF, para possíveis conflitos que venham a ocorrer em suas aulas, a partir de pesquisas já realizadas e publicadas em periódicos da EF brasileira.

Por ser um componente curricular que está constantemente trabalhando com a temática do corpo, a EF tem grande papel diante das questões de gênero, colocando-se como um dos componentes curriculares que pode atuar na minimização desse discurso binarista sexista (aos meninos, certa atividade; às meninas, outras atividades), assim como a distinção de conteúdos e metodologias para meninas e meninos.

Essa pesquisa possibilitou conhecer mais sobre a temática, a qual será mais uma maneira de contribuir com dados sobre os conflitos de gênero nas aulas de EF, em como esses conflitos podem influenciar na produção e dinâmica das aulas. Assim como, apresentar possíveis ações operacionalizadas pelos (as) professores (as) diante dos mesmos.

Diante de tal contextualização, o presente trabalho está organizado da seguinte forma: iniciamos o trabalho monográfico operando com os elementos teórico-conceituais sobre gênero, seção esta que está subdividida em 2 partes (Introdução ao Gênero em relação ao seu contexto histórico e gênero & Educação Física); em seguida, discorreremos quanto aos

procedimentos metodológicos operados pela pesquisa (seção subdividida em: Abordagem de Pesquisa, Tipo de Pesquisa e Instrumentos de Produção dos Dados). Após partimos para a apresentação e análise dos dados, e finalizamos com as considerações finais, apresentando também as referências utilizadas no trabalho.

## **2 ELEMENTOS TEÓRICO-CONCEITUAIS SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE**

Essa sessão está dividida em dois subtópicos, sendo o primeiro denominado “Introdução ao Gênero em relação ao seu contexto histórico”, que vai trazer uma contextualização sobre a história do gênero apresentando seus criadores, ano de criação, chegada em outros países; e o segundo tópico desta seção aborda quanto as relações entre “Gênero & Educação Física”, que traz as relações coexistes entre o gênero e a EF nas aulas e como ou em que, essas relações podem influenciar no decorrer da aula.

### **2.1 Introdução ao Gênero em relação ao seu contexto histórico**

Como a categoria “gênero” possui uma centralidade em nossa investigação, é importante, desde já, demarcarmos a significação deste termo, tendo em vista que é algo que vem sendo construído de forma recente na história humana. Assim, conforme Gildemeister (2004) e Flick (2009), “gênero” tem sido compreendida como uma categoria social, e que é sempre, de algum modo fundamental, uma questão de relações sociais. Nesse contexto, gênero é visto, ao mesmo tempo, como uma construção social. (GILDEMEISTER, 2004; FLICK, 2009)

O gênero como construção social é compreender que não se trata de uma coisa determinada, estanque, parada, como em geral, neste caso em específico, poderíamos pensar os termos “masculino” e “feminino”, pois gênero, enquanto “construção social”, é compreender como as questões que se referem à sexualidade humana são dinâmicas e se transformam ao longo do processo histórico.

É importante ressaltar que antes da criação e utilização do termo “gênero”, as categorias utilizadas para se referir aos seres humanos eram “sexo” e, com isso, utilizava-se o binarismo masculino x feminino, bastante relacionado à classificação animal que envolvia o macho x fêmea. No final do século XX, a partir dos/as pesquisadores/ as das ciências sociais, o termo “gênero” surgiu, em debates sobre a reorganização de modelos científicos.

Erica (2010) diz que no início o termo gênero era muito usado apenas como sinônimo para mulher, que isso só foi mudar após pesquisadoras feministas realizarem os tidos “estudos sobre mulheres”, o que ajudou na desnaturalização da condição da mulher em meio a sociedade.

Foi na década de 1970, a partir de movimentos feministas de inglesas e americanas, na busca por igualdades de direitos em relação aos direitos naturalizados dos homens, que a categoria histórica e de análise “relações de gênero” foi introduzida, relatando que as desigualdades entre os sexos era algo construído socialmente e que possuem caráter relacional, ou seja, que as imagens de mulheres e homens não podem ser entendidas de maneira separadamente, pois são definidas em termos recíprocos. Seu discurso teórico era através dos estudos da antropologia.

Também na década de 1970 o conceito de gênero foi introduzido nos Estados Unidos da América (EUA), através do movimento feminista, que se encontrava nos movimentos de contestação ocorridos nas universidades americanas, utilizando da junção de estudos feministas e estudos raciais, que resultaram no desenvolvimento do conceito de gênero.

No Brasil, os estudos que abordam as relações de gênero acompanham os diferentes momentos dos movimentos sociais feministas dos países ocidentais. A partir da década de setenta a emergência destes movimentos sociais consolidam novas forças políticas em vários lugares do planeta. Movimentos sociais anticoloniais, étnicos, raciais, de homossexuais, ecológicos e de mulheres, para citar os mais expressivos, despontam e modificam lugares e mentalidades. (SILVA, 2000, p.1)

O texto que é utilizado como um dos expoentes do conceito do gênero no Brasil intitula-se “Gênero como categoria útil de análise” de Joan Scott (1990). Ao observarmos a sua conceituação metodológica, analítica e histórica, a referida autora, considera que “[...] o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, é um modo primordial de dar significados às relações de poder” (SCOTT, 1990, p. 14).

Tendo em vista que o termo sexo remete mais ao biológico, o gênero começa a ser utilizado para enfatizar os aspectos culturais relacionados às diferenças sexuais. E o conceito relacionado a gênero, que até então era sinônimo de sexo, começa a receber uma perspectiva mais sociocultural.

Segundo Heilborn (1994), conforme citado por Erica (2010), o conceito de gênero representou um avanço, pois se abandonou a definição mais tradicional de “papéis sexuais”, valorizando-se cada vez mais a dimensão de relatividade entre o indicador anatômico e a elaboração cultural.

O gênero refere-se às identidades com a qual a pessoa se identifica ou se autodetermina, independe do sexo e está mais relacionado ao papel que o indivíduo tem na sociedade. Dessa forma, essa identidade seria um fenômeno social e não biológico. É uma expressão importante da liberdade individual e da vida íntima de cada um.

Segundo Erica (2010), a expressão “relações de gênero”, tal como vem sendo utilizada no campo das Ciências Sociais, designa, primordialmente, a perspectiva culturalista em que as categorias diferenciais de sexo não implicam no reconhecimento de uma essência masculina ou feminina, de caráter abstrato e universal, mas, diferentemente, apontam para a ordem cultural como modeladora de mulheres e homens. Em outras palavras, o que chamamos de homem e mulher não é o produto da sexualidade biológica, mas sim de relações sociais baseadas em distintas estruturas de poder.

A própria ideia do que vem a ser “homem” e “mulher” – masculinidades e feminilidades também – são produções discursivas que enquadram um certo modo de ser e estar no mundo vinculado a uma condição orgânica/física, configurando-se também em formas culturais de ser/estar no mundo determinado como algo específico de atribuições do “macho” e da “fêmea”, e que a categoria “gênero” de alguma forma traz uma ampliação e rompimento desses entendimentos binários

Ao propor o uso da categoria “Gênero” para a análise histórica – e, por decorrência, para as Ciências Sociais –, pretende-se compreender e explicar significativamente o caráter relacional, transversal e variável dessa categoria analítica (SCAVONE *apud* ROBERTO, 2016)

Um exemplo de como as questões que se referem à sexualidade humana, e neste caso a dimensão de “gênero”, pode ser evidenciada em relação aos usos das redes sociais, como o *Facebook*. Depois de receber várias reclamações de usuários, que solicitavam mais opções em seus perfis, a rede social *Facebook* passou a oferecer mais de 50 opções de termos<sup>4</sup> para classificar gêneros. Possibilitou até a escolha por qual pronome a pessoa deseja ser chamado: “ele”, “ela” ou “neutro”. De maneira geral isso possibilita aos seus usuários sentirem-se confortáveis em expressar quem são.

A falta de compreensão ou até mesmo a não aceitação da diversidade de gênero, ocasiona uma série de problemas, como a criação de sentimentos negativos, a exclusão, culpa, medo, vergonha, sofrimento pessoal. O indivíduo que não se “enquadra” em relação ao binarismo masculino e feminino acaba gerando uma sensação de “não se encaixar” nessa

---

<sup>4</sup> Feminino, masculino, não binário, cross gender, FtM, homem, homem transexual, MtF, mulher, mulher(trans).

sociedade, de não pertencer à vida em sociedade, de que existe algo de errado consigo em virtude da sua maneira de se enxergar sexualmente e viver/conviver com seu corpo e o que pensa ser.

Na aquisição do papel masculino ou feminino, incentiva-se mais a independência no menino, recompensando-o por esse comportamento, ao passo que não se estimula a menina a esse mesmo comportamento. Do menino não é tolerado que expresse sua tristeza na derrota de um jogo através de lágrimas, pois “homem não chora”; já das meninas se aceita, porque é um comportamento “adequado” ao seu sexo. Toleram-se mais a expressão de afeto em mulheres do que em homens, e se estimula o menino a revidar um ataque físico, ao passo que provavelmente se punirá a menina se tiver a mesma iniciativa (ROMERO, 1990 *apud* DE OLIVEIRA, 2006, p. 303).

E todos esses problemas acabam implicando e respingando em vários campos de relações sociais, como por exemplo, a escola. Seja na convivência do dia a dia nas aulas, seja nos momentos de recreação, seja em eventos realizados na escola, esses problemas implicam diretamente na vida das pessoas, geralmente afetando negativamente seus cotidianos, sendo que uma das formas mais visíveis que sabemos disso evidencia-se pelas exclusões e pela ocorrência de *bullying*<sup>5</sup>.

E Silva e Mezzaroba (2021) apresentam um estudo produzido por Luiza Aguiar dos Anjos e Silvana Vilodre Goellner, em que, foi possível identificar que mesmo com a participação de pessoas trans nas Olimpíadas de 2016, as implicações e os incômodos ainda fortalecem o caráter binário e heteronormativo no campo esportivo, reforçando como cada sujeito deve se comportar referente ao sexo que lhe foi atribuído no seu nascimento.

Tendo em vista que a ideia de gênero se fundamenta nas diferenças biológicas entre os sexos, ela aponta para o caráter implicitamente relacional do feminino e masculino. Não somos vistos(as) apenas com nosso sexo ou o que a cultura fez dele, mas também da relação com várias outras categorias, nossa idade, raça, etnia, classe social, altura e peso corporal, habilidades motoras dentre muitas outras. Isso ocorre nos diversos espaços sociais, incluindo a escola e as aulas de EF, sejam ministradas para o mesmo sexo ou não (SOUZA; ALTMANN, 1999).

Quando olhamos pela esfera das relações sociais, podemos identificar mais dois pontos na relação entre meninos e meninas. O primeiro vai trazer a permissão que é concedida aos meninos para dirigir e pilotar meios de transportes como carros e motos. Antes mesmo que

---

<sup>5</sup> Dentre os preconceitos mais recorrentes dentro da escola, principalmente no que diz respeito à Educação Básica, são o racismo e a discriminação (sexual, religiosa e social). O racismo por exemplo, diz respeito à quando um indivíduo se acha superior ao outro só por causa da sua raça. No Brasil, estima-se que um a cada dez alunos é vítima de *bullying*, de modo frequente, nas escolas, de acordo com os dados da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) publicados em 2015.

complete seus 15 anos, muitos meninos já são condicionados a essa realidade, já com as meninas essa realidade é outra, estas quando são proporcionadas a essa vivência já é algo em uma idade mais avançada e muitas vezes é necessário que haja uma insistência dela.

Já o segundo ponto, vai apresentar outra situação em que diz respeito a saídas para rua, os meninos contam com uma liberdade maior e não são cobrados como ocorre com as meninas, elas precisam sempre falar aonde vão e com quem vão, assim como são impostas a um horário marcado de retorno para casa. E se caso não cumpram com esse horário determinado, são submetidas a receber várias ligações.

Essas diferenças são engendradas nas crianças pouco a pouco por diversos mecanismos que envolvem suas interações com os adultos, as outras crianças, a televisão, o cinema, a música etc. A demarcação do que cabe aos meninos ou às meninas se inicia bem cedo e ocorre pela materialidade e também pela subjetividade. Essas relações influenciam nas elaborações que as crianças fazem sobre si, os outros e a cultura, e contribuem para compor sua identidade de gênero. (SAYÃO, 2006, p. 5)

A relação existente entre os adultos e as crianças são responsáveis pelos tipos de pessoas que nossas crianças iriam se tornar. É a partir dessas relações cotidianas com os adultos que eles criam suas percepções e opiniões sobre o mundo, assim como, também buscar minimizar essa distinção entre meninos e meninas, que por muito tempo foi e que ainda continua sendo alimentada.

## **2.2 Gênero & Educação Física**

Nos dias de hoje é muito comum as turmas de EF serem divididas em dois grupos, os meninos que participam mais ativamente jogando futsal, e as meninas que quando querem participar, jogam “queimado” ou ficam sentadas na arquibancada conversando. Isso muitas vezes é justificado, pelo suposto fato de que os meninos são “mais habilidosos” que as meninas.

Nesse contexto biológico Silva, Botelho-Gomes e Goellner (2008) vão dizer que, homens e mulheres são recomendados a diferentes possibilidades de movimentação, para os homens: aventura, potência, o desafio, a força; para as mulheres: a aventura comedida, a potência controlada, a força mensurada, o desafio ameno.

Abreu (1992) notou que as opressões de gênero tem raízes culturais que já começam em casa, pois irmãos e irmãs tendem a receber uma educação diferenciada, com os meninos dispondo de mais tempo livre para brincadeiras, enquanto as meninas são mais ocupadas pelas mães para ajudarem nos afazeres domésticos, o que acaba reduzindo seu tempo livre para brincar, sendo que as brincadeiras muitas das vezes são aquelas que não proporcionem muito risco, muita aventura, causando assim, experiências motoras mais tarde, nas aulas de EF.

Um outro motivo para reafirmar a divisão da turma entre meninos e meninas também se dá pelo fato de os professores alegarem que conviveu com isso também durante sua formação, onde homens ensinavam meninos e mulheres ensinavam meninas.

So, Martins e Betti (2018) afirmam que muitas das vezes, as meninas têm receio em realizar determinadas atividades, com receio de errar, o que gera vergonha ao pensar que os meninos podem zombar delas, o que acaba causando uma própria exclusão das meninas para realizar as atividades.

No cumprimento de disciplinas cursadas durante minha graduação no curso de EF realizei observações em aulas desse componente curricular escolar, e pude presenciar a divisão da turma, em que os meninos ocuparam a quadra para jogar futsal, e umas meninas ficaram sentadas na escada conversando e outras com a bola de vôlei brincando. Sobre essas divisões Luz Junior (2002) vai dizer que “na tentativa de justificar o sexismo presente nas aulas de EF, os professores e as professoras têm se fundamentado em concepções biologicistas que, como lembra Michelle Perrot, naturalizam a construção do corpo feminino mais fraco e o corpo masculino forte, reforçando assim as diferenças”.

Chan-Vianna, Moura, Mourão (2010) dizem que devido a um conhecimento já estabelecido e anunciado que acaba apontando para os esportes e a “esportivização” sendo uma prática exclusivamente masculina, que acaba contribuindo e reforçando a discriminação de gênero e sexismo nas aulas de EF.

Essas atitudes podem ter influências de métodos utilizados pelos professores no decorrer da vida escolar desses alunos, como por exemplo, quando meninos e meninas são incentivados a realizar as atividades separadas, ou com “competições” de meninos contra meninas. Durante aplicação de planos de aula em determina escola, quanto a prática dos Estágios (I e II), identifiquei que os alunos eram separados durante a realização das atividades, a justificativa interna que foi dada era que as meninas eram mais “lerdas”, não eram tão “espertas” e não tinham tanta vontade.

Na observação de uma aula onde o professor utilizou recursos audiovisuais e outra de jogos de lutas, os pesquisadores So, Martins e Betti (2018) identificaram que durante os dois momentos, meninos e meninas ficaram separados, quando a aula foi a partir dos recursos de audiovisual, as meninas se sentaram todas nas últimas cadeiras, já quando a aula foi referente a lutas, os meninos continuaram em diferentes espaços, e as meninas continuaram juntas, sendo que 4 alunas não participaram da aula.

Esses conflitos entre meninos e meninas afetam de maneira direta as aulas, porque muitas vezes tanto um gênero quanto o outro não querem realizar determinada atividade juntos. As meninas com o discurso de que os meninos vão machucá-las, devido à diferença de força física, e os meninos, alegando que as meninas “não são habilidosas”, geralmente com o argumento que, se as meninas participam das práticas esportivas nas aulas de EF, o jogo se torna menos prazeroso pela inabilidade física/perfomática das meninas.

Os autores Salvivi e Myskiw (2009) apresentam em sua pesquisa um estudo que apresenta entrevistas realizadas com alunas do 3º ano do ensino médio, onde as mesmas relatam motivos para não gostarem de realizar as atividades, as práticas e as aulas de EF com os meninos. Não gosto nem um pouco de fazer EF e de nenhum esporte, faço por obrigação de nota (Aluna B); [...] eu não participo quando é junto com os piás, e eu não gosto de jogar com eles, principalmente futebol ou futsal, porque eles são muito brutos, achando que as meninas são mais fraquinhas, (Aluna F). Uma aluna apresentou atestado médico para não participar das atividades das aulas. Foi constatado que as alunas participam das aulas por obrigação.

Uchoga e Altmann (2016) apresentam um relato de uma observação de uma atividade realizada com uma turma de 6º ano, onde a professora fez um jogo de queimada, a turma contava com 8 meninos e 22 meninas no dia do jogo, onde a professora dividiu em 2 equipes, colocando 4 meninos em cada. Como regra de jogo era necessário realizar uma quantidade de passes antes de efetuar a tentativa de queimar. Foi nítido observar como os meninos tomavam a frente da atividade, como as meninas recebiam a bola até atingir a quantidade limite, e logo depois repassam para que os meninos, realizassem o arremesso. Assim, os meninos realizaram um total de 60 arremessos e as meninas, apenas 28, dividindo esses números pela respectiva quantidade pelos números de jogadores, cada menino arremessou 7 vezes, enquanto as meninas menos do que duas vezes. Isso reflete a falta de confiança das próprias meninas nelas mesmas, o que as faziam passar a bolas para que os meninos arremessassem.

A falta de confiança das meninas nelas mesmo as impedem de poderem vivenciar de maneira mais intensa algumas atividades, como por exemplo na situação relatada no parágrafo anterior, em que as meninas não arremessavam, passavam a bola para os meninos, o que acabava privando-as de realizar o arremesso, que era o objetivo principal da atividade.

As diferenças de habilidades entre meninos e meninas como causa de conflitos e dificuldades pedagógicas nas aulas de EF têm sido analisadas em outros estudos (SO, MARTINS, BETTI, 2018) que traz a relações das meninas com os saberes das lutas, nas aulas de EF. Se durante algum tempo tais diferenças foram consideradas inatas e decorrentes de razões biológicas, as pesquisas de gênero contribuíram para compreender que elas são histórica e socialmente construídas.

Um outro ponto que pode ser comentado é o conflito gerado a partir da relação gênero e desempenho, como por exemplo, uma menina que jogue bem futebol, que participe das atividades com os meninos, logo é taxada de “maria homem”, assim como, um menino que jogue bem vôlei, sofre o preconceito de ser taxado com “mulherzinha”. Meninas lutam para guardar e manter sua compostura, delicadeza, graciosidade, sua “feminilidade”, já entre os meninos, é tido como obrigatório manter a postura de “fortes”, “grosseiros”, “brutos”.

O conflito referente a gênero e desempenho também acontece entre as meninas, quando se refere a meninas com habilidades e meninas com menos ou “sem” habilidades. Duarte e Mourão (2007) apresentam entrevistas com meninas com habilidades, onde elas informam que as colegas com menos ou sem habilidades não com a cara delas. Já as com menos ou sem habilidades falam que as meninas com habilidades estão sempre mais enturmadas”, e ainda frisaram que sobre elas, as outras dizem – “elas não jogam nada”; “elas zoam tanto quanto os meninos quando a gente erra”.

Esse tipo de preconceito também está relacionado aos meninos, quando eles escolhem participar de práticas tidas como destinadas para as meninas, como por exemplo a dança, a ginástica rítmica, entre outras. Estes são chamados de meninas, de maricas, entre outros. Griffin e Gnasci (1990) vão dizer que é necessário muito coragem desse jovem para superar esses preconceitos que podem vir de alunos ou até mesmo de professores e manter a confiança em si. A relação entre meninos e meninas também terá ligação direta com os espaços que esses grupos frequentam e utilizam para seus jogos/brincadeiras, onde cada grupo vai buscar proibir o outro de frequentar o seu tido espaço específico.

Segundo De Oliveira (2006) os preconceitos e desigualdades ganham força quando determinadas formas de jogar são tidas como a “certa” a “padrão”, seja isso feito na escola ou em qualquer outro lugar, acaba gerando desvalorização e inferiorização de outros determinados repertórios corporais. E assim, o grupo de meninos e meninas que não jogou “bem” ou não foram tão habilidosos, tiveram o papel de coadjuvante ou em outros casos, nem chega a compor o grupo da prática encenada.

Em uma pesquisa realizada por Altmann, Ayoub e Amaral (2011), foi constatado que as questões de gênero são abordadas durante a elaboração do planejamento pelos professores do que pelas professoras. Dos 23 professores avaliados no referido estudo sendo 9 mulheres e 14 homens, oito homens e três mulheres levou em consideração questões de gênero em alguns dos componentes do planejamento anual das aulas, onde foi possível perceber que os homens abordavam mais a temática do que as mulheres.

O espírito competitivo presente em alguns alunos acaba gerando conflitos de gênero nas aulas de EF, essa vontade de sempre ganhar, acaba gerando aspectos individualistas nos alunos e alunas, dificultando a fluidez das atividades na aula.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Essa seção está dividida em três subseções. Sendo a primeira subseção, referente a abordagem de pesquisa utilizada, em que, temos a abordagem qualitativa, com sua segunda subseção referente ao caráter descritivo-exploratório, um estudo documental do tipo revisão sistemática, e por fim, na última subseção, são apresentados os instrumentos de produção de dados utilizados, que são o conjunto de periódicos científicos da Educação Física brasileira.

#### 3.1 Abordagem de Pesquisa

Para o desenvolvimento da presente pesquisa utilizamos como abordagem de pesquisa, a abordagem qualitativa a qual está mais relacionada a levantamento de dados referentes às motivações de um grupo ou a compreensão de um determinado fenômeno, sendo que a abordagem qualitativa não tem intenção de obter números como resultados a ponto de comprovação sobre um determinado objeto ou fenômeno.

Trivinos (2009) afirma que os pesquisadores perceberam que muitas informações sobre a vida dos povos não podem ser quantificadas e precisavam ser interpretadas de forma muito mais ampla que aquela circunscrita ao simples dado objetivo. O referido autor escreve que as três bases teóricas (a estrutural-funcionalista, a fenomenológica e a materialista dialética), tornam impossível uma definição da pesquisa qualitativa em termos que satisfaçam os requisitos destas direções fundamentais. Por isso, o teor de qualquer enfoque qualitativo que se desenvolva será dado pelo referencial teórico no qual se apoie o(a) pesquisador(a).

Pensando na pesquisa qualitativa, Trivinos (2009) assinala cinco características fundamentais a essa classe de atividade inquisitiva:

- 1º) a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento-chave.
- 2º) a pesquisa qualitativa é descritiva.
- 3º) os pesquisadores qualitativos estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados e o produto.
- 4º) os pesquisadores qualitativos tendem a analisar seus dados indutivamente.
- 5º) o significado é a preocupação essencial na abordagem qualitativa.

A presente pesquisa, portanto classificou-se como uma pesquisa qualitativa pois não nos preocupamos com a quantidade de dados/artigos encontrados e selecionados, mas sim com a singularidade do conjunto de textos encontrados a partir da temática desta pesquisa – as relações de gênero com a EF – a qual nos permitiu chegar em algumas análises, articulando aspectos teórico-conceituais com os dados aqui selecionados, visando dar resposta ao objetivo geral e aos objetivos específicos de nossa pesquisa.

Retomando os 5 pontos listados acima por Trivinhos (2009), visando articular cada um dos pontos ao objeto da pesquisa, temos:

1º) a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento-chave: O ambiente “natural” da pesquisa é o cenário da produção e veiculação do conhecimento no campo da EF brasileira, ou seja, os dados são coletados a partir do que os principais periódicos da EF brasileira têm produzido sobre a temática de gênero e EF.

2º) a pesquisa qualitativa é descritiva: considerando essa segunda premissa/característica da pesquisa qualitativa, a partir dos dados que foram encontrados, identificados e selecionados, os dados brutos foram organizados em dois quadros (Quadro 1 e Quadro 2- sendo estes encontrados respectivamente nas páginas 27 e 28) e que a partir deles, foram descritos esse conjunto de dados.

3º) os pesquisadores qualitativos estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados e o produto: foi necessária atenção em relação a como chegar a esses dados, o processo de pensar os descritores e a maneira como as pesquisas foram feitas considerando os principais periódicos da EF brasileira.

4º) os pesquisadores qualitativos tendem a analisar seus dados indutivamente: agora, com os quadros já organizados, ou seja, os dados brutos inicialmente organizados e que permitem observar para o conjunto de dados, estes serão pensados de forma indutiva, ou seja, a partir de determinados achados da pesquisa, estabelecer relações de indução sobre a análise daquele objeto/contexto.

5º) o significado é a preocupação essencial na abordagem qualitativa: buscamos a compreensão dessas relações existentes na produção brasileira da EF quanto a gênero e EF, sem a preocupação de “comprovação”, ou seja, buscar sentidos e significados.

Flick (2009) diz que a pesquisa qualitativa é de particular relevância ao estudo das relações sociais devido à pluralização das esferas de vida. As limitações das abordagens

quantitativas vêm sendo adotadas como ponto de partida para uma argumentação no sentido de justificar a utilização da pesquisa qualitativa.

As ideias centrais que orientam a pesquisa qualitativa diferem daquelas da pesquisa quantitativa. Os aspectos essenciais da pesquisa qualitativa consistem nas escolhas adequadas de métodos e teorias convenientes; no reconhecimento e na análise de diferentes perspectivas; nas reflexões dos pesquisadores a respeito de suas pesquisas como parte do processo de produção de conhecimento; e na variedade de abordagens e métodos.

Diante disso, e levando em consideração o objeto de pesquisa a ser estudado, identificamos que abordagem qualitativa foi a mais indicada para ser utilizada, sendo que a mesma não se procura apenas em quantificar dados (embora também fizemos isso, como podem ser observados nos Quadros 1 e 2, na seção seguinte), já que nem sempre só quantificá-los basta, mas também interpretá-los de forma mais ampla, assim como também, as reflexões dos pesquisadores a respeito das suas pesquisas, tendo que são parte do processo de produção de conhecimento.

### **3.2 Tipo de Pesquisa**

Para o desenvolvimento da presente pesquisa utilizamos como tipo de pesquisa, o método de revisão sistemática, com caráter descritivo-exploratório, que é nada mais nada menos, um estudo detalhado, com coleta de dados de maneira sistemática, identificação, análise e interpretações dos dados que são importantes para nosso estudo.

A revisão sistemática é o trabalho cujo objeto de estudo pesquisado tem seus dados coletados a partir da literatura de um determinado campo do conhecimento, sejam esses através das bases de dados, como revistas científicas, Google Acadêmico (portal de buscas de produções acadêmicas), Base de dados da CAPES, entre outros meios. Nesse tipo de estudo, são utilizados, principalmente, periódicos científicos bem avaliados de acordo com seus campos do conhecimento, para se obter todo material necessário.

Segundo Bervian (1983), a pesquisa descritiva trata-se do tipo que analisa, observa, registra e correlaciona aspectos/variáveis que envolvem fatos ou fenômenos, sem alterá-los. Os fenômenos humanos ou naturais são investigados sem a interferência do pesquisador que apenas

procura descobrir, com a precisão possível, a frequência com que um fenômeno ocorre, sua relação e conexão com outros, sua natureza e características.

As pesquisas descritivas têm como finalidade principal a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas aparece na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados. (GIL *apud* DE OLIVEIRA, 2011, p. 21)

Em específico quanto à nossa pesquisa, consideramos que ela se enquadrou como sendo uma pesquisa que opera uma **revisão sistemática**, portanto, é uma pesquisa qualitativa, de abordagem descritivo-exploratória, caracterizada como sendo do tipo documental, porque considerarmos as fontes como materiais documentais da produção do conhecimento do campo da EF brasileira, os quais serão analisados sob a perspectiva da descrição e análise.

A pesquisa descritiva pode aparecer sob diversos tipos: documental, estudos de campo, levantamentos etc., desde que se estude a correlação de, no mínimo, duas variáveis. No presente trabalho, temos como variáveis de correlação para estudo, as “relações de gênero” e a “Educação Física escolar”

Podemos assinalar algumas características da pesquisa descritiva:

**Espontaneidade** – o pesquisador não interfere na realidade, apenas observa as variáveis que, espontaneamente, estão vinculadas ao fenômeno;

**Naturalidade** – os fatos são estudados no seu habitat natural;

**Amplo grau de generalização** – as conclusões levam em conta o conjunto de variáveis que podem estar correlacionadas com o objeto da investigação.

Considerando a nossa pesquisa, essas três características são evidenciadas em relação ao fato da pesquisadora observar a produção já veiculada sobre gênero e EF no Brasil, sem interferência quanto ao já pesquisado/publicado (adequando-se à característica da espontaneidade); evidencia-se também pelo fato dos dados estarem publicizados em periódicos do campo da EF (adequando-se à característica da naturalidade); e evidenciando-se, também, quanto às conclusões que chegamos em relação ao conjunto de dados envolvendo as relações de gênero e de EF (adequando-se à característica da generalização).

A técnica utilizada na nossa pesquisa para procedimento de coleta de dados foi a observação da produção específica em periódicos científicos da Educação Física brasileira, considerando a classificação de A1 a B2 (revistas) da Qualis/CAPES. Após a identificação e seleção dos artigos, com os descritores “gênero” e “Educação Física Escolar”, chegamos à organização e análise dos dados, os quais nos permitiram, diante da questão norteadora e dos objetivos (geral e específicos) da pesquisa, concluir quanto ao objeto aqui construído.

### **3.3 Instrumentos de produção dos dados**

Esta pesquisa utilizou como instrumentos de produção dos dados, o conjunto dos principais periódicos científicos da Educação Física brasileira e os textos que, de acordo com os descritores já informados, foram identificados para nosso estudo.

A escolha da classificação Qualis/CAPES de A1 a B2 com o objetivo de obter as melhores revistas selecionadas para pesquisa. E assim, chegamos ao total de 10 revistas selecionadas: Motrivivência, Movimento, Pensar a Prática, Revista Brasileira de EF e Esporte (USP), Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Motriz, Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde, Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano, Revista Brasileira de Ciência e Movimento (UCB) e a Revista Licere (UFMG).

A pesquisa dos textos foi realizada com delimitação de 2000 a 2021, em que, buscamos coletar os artigos publicados sobre a temática nos últimos 21 anos. A palavra “gênero” foi digitada no campo de busca. Em algumas revistas não foi possível realizar a pesquisa a partir do ano 2000, pois, no *site* só tinha publicações a partir de anos superiores a 2000. Provavelmente o site não permitiu essa busca devido a migração das revistas impressas para o modelo digital.

Em algumas revistas tivemos que flexibilizar a busca, vamos apresenta-las a seguir; Na Revista Pensar a Prática, a busca só pode ser feita a partir do ano 2006; na revista Brasileira de Ciências do Esporte, a busca foi feita a partir do ano 2011, na revista Brasileira de Ciência e Movimento, a busca foi a partir do ano 2008, na revista Licere, a busca foi a partir do ano 2007; na Revista Brasileira de Educação Física e Esporte (USP), a busca foi a partir do ano 2004 e na revista Brasileira de Atividade Física e Saúde, a busca foi a partir do ano 2012.

A pesquisa foi realizada de setembro de 2021 a outubro de 2021 e a seleção dos artigos foi feita a partir da leitura do título e do resumo de cada artigo encontrado na busca. Artigos

originais com ações no contexto educativo, que discorrem sobre ações pedagógicas dos professores de Educação Física na mediação de conflitos relacionadas as questões de gênero, em língua portuguesa e no contexto educacional brasileiro, foram selecionadas, já os que fugiam desses critérios, foram descartados da amostra.

Após finalizar a leitura de todos os textos selecionados, foi identificado que 15 textos não estavam de acordo com os critérios de inclusão citados no parágrafo anterior, sendo excluídos do presente trabalho. Assim, na próxima seção do trabalho, apresentamos e analisamos os 27 (vinte e sete) textos que compõem o *corpus* de análise desta pesquisa.

#### 4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

No quadro abaixo (Quadro 1), apresentamos os resultados encontrados em cada *site* das revistas brasileiras de Educação Física investigadas neste trabalho.

**Quadro 1:** Revistas selecionadas para pesquisa

Revista	Qualis	Total de Artigos encontrados	Total de Artigos selecionados
Motrivivência	B2	56	12
Movimento	A2	143	7
Pensar a Prática	B2	101	4
Revista Brasileira de Ciências do Esporte	B1	26	2
Revista Brasileira de EF e Esporte (USP)	B1	41	1
Motriz	B1	123	1
Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde	B2	22	-
Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano	B1	49	-
Revista Brasileira de Ciência e Movimento (UCB)	B2	*	-
Revista Licere (UFMG)	B2	*	-
TOTAL		561	27

\* Não foram encontrados artigos a partir do descritor “gênero”.

- Não foram selecionados artigos para o presente trabalho.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2022)

Analisando o resultado encontrado exposto no Quadro 1, é possível perceber que o número de artigos encontrados é bem superior ao número de artigos selecionados. Isso aconteceu pois, para a presente pesquisa só foram utilizados os artigos que trouxeram como temática os conflitos/relações de gênero e sexualidade ocorrentes nas aulas de Educação Física em escolas. Artigos que não debatiam especificamente sobre essa temática, foram descartados.

Não foi coincidência a revista *Motrivivência* e a *Movimento* serem as que mais apresentaram publicações sobre a temática. Isso ocorre, porque as duas são revistas declaradamente de viés sociocultural dentro da EF brasileira, ou seja, dão vazão a esse tipo de conhecimento sobre novos temas da atualidade e do contemporâneo, que mesmo sendo uma temática que vem ganhando muito destaque, ainda tem baixa veiculação em algumas revistas, como podemos ver no quadro 1, então, a temática precisa receber mais atenção e mais publicações por parte do conjunto de agentes do campo da EF brasileira.

Outro fato que chamou atenção, foram a quantidade de textos sobre a temática publicados na revista *Brasileira de Ciências do Esporte (CBCE)*, tendo em vista a importância da revista para as questões progressistas da EF brasileira, e dentre elas, a pauta/discussão/ ações das questões que envolvem a temática de “gênero”, ainda são poucos textos publicados.

A seguir, no quadro 02, serão apresentados os 29 artigos que foram selecionados para presente pesquisa. Eles estão organizados em quatro colunas, constando ano de publicação, revista de publicação, autoria e título. Na coluna do ano, os artigos foram distribuídos das publicações mais recentes, ou seja, de 2021, para as mais antigas, 2000.

**Quadro 2:** Artigos selecionados para pesquisa

<b>Ano</b>	<b>Revista</b>	<b>Autoria</b>	<b>Título</b>
2021	<i>Pensar a Prática</i>	Thais Mortola Dias, Giovanni Felipe Ernst Frizzo	Questões de gênero na EF escolar: uma análise nas zonas distritais de Rio Grande-RS
2021	<i>Revista Brasileira de Educação Física e Esporte (USP)</i>	Mateus Henrique S. de Lucca, Roberson Augusto Marcomini	Intersecção entre EF e a Filosofia: ensaio para o ensino do esporte e igualdade de gênero no ensino médio
2020	<i>Movimento</i>	Lara Felix Jacoby, Silvana Vilodre Goellner	A EF em uma escola militar: de turmas separadas por sexo e por altura a turmas mistas
2020	<i>Motrivivência</i>	Lara Félix Jacoby, Silvana Vilodre Goellner	EF e questões de gênero: motivos para a escolha de modalidades esportivas por estudantes do ensino médio de uma escola militar

2020	Motrivivência	Mesaque Silva Correia, Joanna Hariel A. Carvalho, Geovana Torres Da Silva, Italo Marcelo Pedro A. e Silva	Cadê o viado que tava aqui? O preconceito e a discriminação excluíram da quadra de aula
2020	Motrivivência	Marcio Henrique S. Evangelista, Bruna Pinho Machado, Neil Franco	Sexualidade e Educação Física escolar nos periódicos brasileiros (1979-2018)
2020	Revista Brasileira de Ciências do Esporte	Gilmar Mercês de Jesus, Lizziane Andrade Dias, Priscila de Argolo Cerqueira, Maria Alice Altenburg de Assis, Emil Kupek,	Diferenças de gênero na avaliação qualitativa de atividades físicas e sedentárias de escolares de 7 a 10 anos no nordeste brasileiro
2019	Motrivivência	Ana Aparecida Tavares da Silveira, Maria Aparecida Dias	Repensando as relações de gênero nas vivências do <i>ultimate frisbee</i> na escola
2019	Movimento	Rafael Marques Garcia, Leandro Teofilo de Brito	Performatizações <i>queer</i> na EF escolar
2018	Motrivivência	Marcos Roberto So, Mariana Zuaneti Martins, Mauro Betti	As relações das meninas com os saberes das lutas nas aulas de EF
2016	Motrivivência	Aline Gomes Machado, Roberto Gondim Pires	Identidade de gênero e suas implicações sobre a sexualidade na perspectiva de professores de Educação Física
2016	Motrivivência	Naiara Da Rocha Matos, Geisa Silva Brasileiro, Rodolfo Teixeira Rocha, Jorge Lopes Cavalcante Neto	Discussão de gênero nas aulas de EF: uma revisão sistemática
2016	Motrivivência	Neil Franco	A EF como território de demarcação dos gêneros possíveis: vivências escolares de pessoas travestis, transexuais e transgêneros
2016	Revista Brasileira de Ciências do Esporte	Liane Aparecida Roveran Uchoga, Helena Altmann	EF escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula
2014	Pensar a Prática	Hudson Fabricius Peres Nunes, Thiago Farias Da Fonseca Pimenta, Juliana Cesana, Alexande Janotta Drigo	EF, futebol e gênero: uma proposta de ensino a partir das relações de poder

2013	Motrivivência	Silvester Franchi	Jogos tradicionais/populares como conteúdo da cultura corporal na EF escolar
2012	Motrivivência	Marcelo Moraes e Silva, Maria Rita de Assis Cesar	As masculinidades produzidas nas aulas de EF: percepções docentes
2012	Motrivivência	Priscila Gomes Dornelles	Marcas de gênero na EF escolar: a separação de meninos e meninas em foco
2009	Movimento	Alexandre Jackson Chan-Vianna, Diego Luz Moura, Ludmila Mourão	EF, gênero e escola: uma análise da produção acadêmica
2009	Movimento	Rogério Cruz de Oliveira, Jocimar Daolio	EF, cultura e escola: da diferença como desigualdade à alteridade como possibilidade
2009	Pensar a Prática	Leila Salvini, Mauro Myskiw	As representações do corpo feminino na EF escolar: um estudo com alunas do ensino médio
2009	Motrivivência	Fabiano Augusto Teixeira	EF escolar: reflexões sobre as aulas de exclusão
2007	Movimento	Catia Pereira Duarte, Ludmila Mourão	Representações de adolescentes femininas sobre os critérios de seleção utilizados para a participação em aulas mistas de EF
2007	Movimento	Alan Marques da Silva, Jocimar Daolio	Análise etnográfica das relações de gênero em brincadeiras realizadas por um grupo de crianças de pré-escola: contribuições para uma pesquisa em busca dos significados
2006	Motriz	Rogério Cruz de Oliveira	O futebol nas aulas de EF: entre “dribles”, preconceitos e desigualdades
2006	Pensar a Prática	Deborah Thomé Sayão	A construção de identidade e papéis de gênero na infância: articulando temas para pensar o trabalho pedagógico da EF infantil
2006	Movimento	Mauro Louzada de Jesus, Fabiano Pries Devide	EF escolar, co-educação e gênero: mapeando representações de discentes

Fonte: Organizado pela pesquisadora (2022)

A seguir descrevemos brevemente os textos que foram selecionados para a presente pesquisa.

O texto “Questões de gênero na EF escolar: uma análise nas zonas distritais de Rio Grande-RS”, de autoria de Thais Mortola Dias e Giovanni Felipe Ernst Frizzo, trata-se de uma pesquisa realizada em cinco escolas públicas municipais em Rio Grande-RS, em que o critério de seleção das escolas participantes, foram as que possuíssem um maior número de alunos. Como sujeitos colaboradores da pesquisa foram selecionados professores e professoras de EF e alunos e alunas do 9º ano do ensino fundamental.

Os métodos de coleta de dados utilizados pelo autor foram: entrevistas semiestruturadas e questionários, direcionados para professores e professoras e para alunos e alunas. As perguntas destinadas aos alunos, eram perguntas diferentes as destinadas aos professores.

A temática abordada na pesquisa foi a participação conjunta ou não de meninos e meninas nas aulas de Educação Física, assim como, também foi questionado aos professores o que eles pensam sobre as questões de gênero nas aulas.

O texto “Intersecção entre EF e a Filosofia: ensaio para o ensino do esporte e igualdade de gênero no ensino médio”, de autoria de Mateus Henrique S. de Lucca e Roberson Augusto Marcomini, apresenta uma pesquisa voltada a minimizar as desigualdades e os desafios diante o processo de aprendizagem esportiva nas aulas de Educação Física. Desigualdades que partem já da exclusão das meninas e dos alunos não considerados habilidosos e a pedagogia voltada a repetições de gestos técnicos, o que acaba tornando a aula “desinteressante” para os alunos.

O autor supracitado apresenta que a partir da pedagogia do esporte é possível utilizar a pedagogia do jogo como aliada dentro da escola e da Educação Física, abrindo assim as possibilidades de intervenção que desenvolvam de forma democrática e igualitária todos os alunos. Ele também apresenta três principais referências que ajudam na organização do processo de ensino, aprendizagem e vivência sócio esportivo na escola, que são: técnico-tático (pautado no desenvolvimento físico-motor dos alunos), socioeducativo (ligado aos valores e modos de comportamento), histórico-cultural (ligado aos valores culturais da modalidade, evolução histórica do esporte, tradições esportivas).

A pesquisa de autoria de Lara Felix Jacoby e Silvana Vilodre Goellner, sobre “A EF em uma escola militar: de turmas separadas por sexo e por altura a turmas mistas”, traz a descrição da transição das turmas separadas por sexo e por altura, para turmas mistas, nas aulas de Educação Física dos colégios militares. Critérios esses, que só foram extintos das turmas de sexto e sétimo ano do Ensino Fundamental do colégio militar de Porto Alegre em 2018. Para obter parte dos dados, o autor realizou entrevistas com três professores e uma professora com idade entre 52 e 76 anos.

Além de terem aulas separadas, os alunos também possuíam conteúdos diferentes, para os meninos eram atividades físicas mais intensas, com o objetivo de preparar corpos fortes e ágeis, visando já a carreira militar, já as meninas, como não podiam seguir na carreira, eram destinadas atividades físicas mais leves, como ginásticas variadas e de fraca intensidade ou o voleibol.

Essa separação tinha respaldo com o esporte sendo o principal conteúdo das aulas de Educação Física, a qual era mais voltada para a busca de rendimento, e esses discursos desconsideraram quaisquer outros fatores como, classe e raça, e atribui a força ao corpo masculino tendo como essência de sua biologia, ou seja, os meninos seriam mais fortes e mais ligados a violência, já as meninas seriam frágeis e apáticas.

No texto “EF e questões de gênero: motivos para a escolha de modalidades esportivas por estudantes do ensino médio de uma escola militar”, de autoria de Lara Félix Jacoby e Silvana Vilodre Goellner, apresenta uma pesquisa sobre a preferência das modalidades esportivas escolhidas pela turma do segundo ano do Ensino Médio do colégio militar de Porto Alegre no ano de 2018. O instrumento principal utilizado para coleta dos dados foi grupos focais. A pesquisa contou com a participação de 28 alunos, sendo 21 meninas e 7 meninos, com idade entre 15 e 18 anos. Os grupos focais tinham no mínimo 2 e no máximo 5 pessoas. Apenas uma única menina participante da aula de futebol foi entrevista de maneira individual, visando da mais liberdade e conforto a ela para expressar suas experiências na aula.

As autoras dividiram as respostas a partir de 2 eixos: o “escolhi porque gosto” e o “escolhi porque foi a única opção possível”. No primeiro eixo foram 14 alunos, sendo 7 meninas e 7 meninos, sendo que, entre as meninas, estava inclusa a única menina participante da turma de futebol. Mesmo a participante tendo escolhido porque gosta, os dados dos diários de campo mostraram que ela não é muito efetiva nas aulas, que pouco pega na bola, que tem medo, insegurança.

No segundo eixo, as 14 meninas restantes da pesquisa alegaram falta de opção. Algumas que escolheram modalidades por falta de opção, tinha baixa autoestima e alegaram entender que era a modalidade possível para sua capacidade. A maior procura das turmas de atividades físicas é por partes das meninas. Mesmo gostando muito da atividade por representarem algo como de “academia”, algumas meninas relatam a escolha, pois não se sentem confiantes para participar de alguma atividade com bola. As motivações que levam os alunos e alunas a optarem por modalidades esportivas diferentes estão ligadas a questões de cunho biológico e outro o componente cultural.

“Cadê o viado que tava aqui? O preconceito e a discriminação excluíram da quadra de aula”, de autoria de Mesaque Silva Correia, Joanna Hariel A. Carvalho, Geovana Torres Da Silva, Ítalo Marcelo Pedro A. e Silva, traz como objetivo estudar a presença de alunos homoafetivos nas aulas de Educação Física. Foram selecionados para pesquisa 10 professores da rede estadual do ensino médio da cidade de Teresina- PI, sendo que o critério de seleção das escolas, foram as 10 mais bem posicionadas no *ranking* do ENEM 2018. Os dados foram obtidos através de entrevistas semiestruturadas.

Os autores apresentam a discussão dos resultados, dividindo em: homoafetivo invisível nas aulas de EF, a homoafetividade como discurso da recusa, a igualdade que descaracteriza o homoafetivo nas aulas de educação e as escolas de muitos e as aulas de alguns poucos (as escolas recebem alunos dos mais variados grupos sociais e em sua maioria ofertarem um processo pedagógico que inclui alguns poucos).

Eles apresentam o discurso de alguns professores, que relatam que não procuram da atenção a mais para nenhum aluno “porque se diz diferente”, que devido aos vários tipos de alunos que recebem, não pode pensar em apenas um. Outra afirma que falar sobre sexualidade é um assunto muito polêmico, e que ela prefere não levar o assunto para suas aulas. O que torna o homossexual como um sujeito invisível, como se ele não estivesse ali.

Outro ponto, é que pelo fato de os professores não reconhecerem suas dificuldades em trabalhar o tema homoafetividade, alguns professores buscam transferir até para os próprios alunos essa responsabilidade de não abordar essa temática nas aulas. Devido aos professores manterem suas aulas voltadas para um discurso baseado em uma igualdade, eles acabam reforçando a descaracterização e desvalorização do homoafetivo.

Em “Sexualidade e EF escolar nos periódicos brasileiros (1979-2018)” escrito por Marcio Henrique S. Evangelista, Bruna Pinho Machado e Neil Franco, foram utilizados 13

periódicos que publicizaram as questões de gênero desde suas primeiras edições: Arquivos em Movimento, Caderno de Educação Física e Esporte, Caderno de Formação RBCE, Conexões, Motrivivência, Motriz, Movimento, Pensar a prática, RBCE, Revista Brasileira de Ciência e Movimento (RBCM), Revista Brasileira de Educação Física e Esporte (RBEFE), Revista da Educação Física/UEM e Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte.

O número de publicações encontradas nos periódicos foi de 275, sendo que, dessas, 241 trabalhavam a temática gênero, 19 falaram sobre sexualidade e 15 destacam gênero. Dos 13 periódicos, em apenas 6 deles foi possível observar estudos sobre Educação Física e esporte. Foi utilizado para se obter os projetos, as bases de dados Scielo e LILACS num período de 2004 a 2014, sendo identificados 30 artigos a partir dos descritores “Gênero” e/and “Educação Física”.

Utilizando os descritores “Gênero” e/and “Sexualidade”, na base do Scielo foram encontrados 208 artigos, sendo que 3 tinham foco no contexto escolar, já no LILACS foram identificados 210 artigos, sendo 2 deles com foco na escola. Quando se utilizou os descritores “Gênero” e/and “Sexualidade e/and Educação Física” apenas 1 artigo foi encontrado nas duas plataformas.

O estudo reforça a importância da EF frente às questões de sexualidade na escola, visando minimizar o desinteresse e descaso com a temática, assim como, também trabalhar as culturas corporais do movimento, visando trabalhar atividades tidas como masculinas, e com atividades tidas como femininas, buscando possibilitar essa vivência para os (as) alunos (as).

O texto “Diferenças de gênero na avaliação qualitativa de atividades físicas e sedentárias de escolares de 7 a 10 anos no nordeste brasileiro” escrito por Gilmar Mercês de Jesus, Lizziane Andrade Dias, Priscila de Argolo Cerqueira, Maria Alice Altenburg de Assis e Emil Kupek, traz um estudo com crianças e adolescentes de uma escola pública da cidade de Feira de Santana - BA, utilizando a ferramenta Web-CAAFE, que tem a função de coletar dados sobre o tipo e a intensidade de atividades físicas. A partir dele também é possível identificar diferentes padrões envolvendo a participação de meninas e meninos em diferentes atividades.

O estudo contou com uma amostra de 390 alunos, do segundo ao quinto ano, que não possuem discrepâncias econômicas visíveis, sendo 50,3% correspondente às meninas. As coletas de dados dos estudados foram feitas apenas em dias da semana, de terça a sexta. As atividades foram divididas em: atividades físicas leves, atividades físicas moderadas e atividades físicas vigorosas.

Nas atividades leves entre as meninas prevaleceu mais lavar a louça e entre os meninos brincar com carrinho. Nas atividades moderadas, entre as meninas prevaleceu dançar, varrer e esconde-esconde, já os meninos soltar pipa. E, por fim, nas atividades vigorosas entre os meninos, prevaleceu lutas e jogar futebol, e entre as meninas, pular corda.

Assim, as meninas possuíam um total diário de atividades físicas 31% maior que os meninos, sendo que tinham atividades mais leves e moderadas; entre os meninos predominou as atividades vigorosas. Já no turno da noite, houve uma distinção no total de atividades sedentárias, sendo que as meninas apresentaram frequência 33% maior que os meninos. Assim como também, as atividades mais leves foram predominantes entre as meninas no turno da noite, atingindo 55%, nos outros turnos não ocorreu a distinção entre os gêneros. Já as moderadas e vigorosas, ocorreu distinção em todos os turnos, as moderadas foram mais entre as meninas e as vigorosas entre os meninos.

Esse estudo possibilita a exibição mais clara de questões tradicionais de gênero que reforçam a distinção na participação de meninos e meninas em atividades físicas e esportivas.

A pesquisa “Repensando as relações de gênero nas vivências do *ultimate frisbee* na escola”, de autoria de Ana Aparecida Tavares da Silveira e Maria Aparecida Dias, trata dos conteúdos que podem ser trabalhados nas aulas de Educação Física, segundo a BNCC. As autoras realizam o estudo a partir da modalidade *frisbee*, que ficou bastante atrativo devido a sua facilidade nas regras e a não necessidades de materiais muito caros.

As turmas escolhidas para a pesquisa foram o 5º ano A e B de uma escola do ensino fundamental do turno matutino. Os alunos foram divididos em quatro grupos mistos, o que resultou em 2 jogos sendo gravados ao mesmo tempo por alguns alunos.

No 5ºA a quantidade de meninas era maior, o que facilitou os meninos possuírem maior posse do disco em suas equipes, os meninos não passavam de maneira igualitária com ambos, somente com seus colegas, ou apenas com a aluna habilidosa, caso houvesse, o que acabou causando a exclusão das meninas na atividade. Já no 5ºB, por possuir um número quase igualitário de meninos e meninas, proporcionou às meninas uma participação mais ativa, porém, por outro lado, os meninos se mostraram mais intimidadores diante delas, por estarem em números iguais nessa turma, os meninos necessitavam das meninas, o que resultou em mais gritos e contatos físicos violentos (quedas e machucados).

Visando garantir o direito de igualdade para todos os alunos durante as atividades, o professor propôs rodas de conversas para discutir estratégias para que todos participassem, principalmente os alunos menos habilidosos, visando garantir a experimentação para todos.

O texto “Performatizações *queer* na EF escolar”, escrito por Rafael Marques Garcia e Leandro Teófilo de Brito, apresenta um estudo em que o aluno J.V. foi protagonista de alguns conflitos durante as observações. O autor relata especificamente um, entre ele e G.P. Os alunos estavam fazendo atividades livres e J.V. começou a coreografar a música de Anitta “show das poderosas”, e que G.P. ao ver ele coreografando, passou a persegui-lo, na tentativa de dar socos e pontapés. Em outro relato, durante a realização de um circuito, J.V disputava com F.B. e os demais alunos da turma começaram a gritar por F.B., após ele conseguir terminar primeiro, G.P. fala para J.V.: “Ninguém torce pra você!”. Em ambos os momentos, J.V colocou os braços na cintura e fez uma expressão de deboche, mostrando não se importa com a situação.

É possível identificar a exclusão sofrida por J.V., que facilmente é perseguido por alguns meninos, gerando uma desqualificação do garoto, na participação dos jogos. O autor utiliza do exemplo de uma *drag queen*, para questionar a ideia de gênero decorra do sexo, em que um menino possa executar uma coreografia que geralmente é tida como algo do gênero feminino.

O estudo sobre “As relações das meninas com os saberes das lutas nas aulas de EF”, escrito por Marcos Roberto So, Mariana Zuaneti Martins e Mauro Betti, apresenta a relação relacionada às lutas e o tema “gênero e sexualidade” que pouco foram problematizadas nas aulas de EF do 7º ano do Ensino Fundamental. Os autores têm por objetivo compreender as relações dos saberes de alunas com as lutas nas aulas de EF, visando identificar como o marcador gênero pode interferir na participação das meninas nas aulas do conteúdo lutas.

Temos em destaque algumas dimensões que sustentam a teoria da relação com o saber: mobilização, atividade, sentido, epistêmica, identitária e social. A coleta de dados da pesquisa, deu-se a partir de entrevistas e observação das aulas. A partir das observações das aulas, foi possível identificar uma menor participação das meninas em relação aos meninos.

No texto “Identidade de gênero e suas implicações sobre a sexualidade na perspectiva de professores de EF” de autoria de Aline Gomes Machado e Roberto Gondim Pires, temos um artigo que traz um estudo realizado com seis professores de EF das escolas públicas da cidade de Jequié – BA, visando identificar as identidades de gênero e suas implicações sobre a sexualidade, a partir da visão dos professores. A pesquisa teve caráter exploratório e abordagem qualitativa, e utilizou de questionário semiestruturado para realizar a coletas de dados.

Foi possível identificar que o comportamento, a postura adotada e o trejeito dos alunos influenciam em como eles são vistos pelas demais, caso o aluno apresente comportamento tido como “fora dos padrões de masculinidade”, este é visto como “diferente”.

Em outro texto, intitulado “Discussão de gênero nas aulas de EF: uma revisão sistemática” escrito por Naiara Da Rocha Matos, Geisa Silva Brasileiro, Rodolfo Teixeira Rocha e Jorge Lopes Cavalcante Neto, trata-se de um estudo de revisões sistemáticas, referente a participação das meninas nas aulas de EF. Em que, os dados utilizados coletados nas bases de dados do portal de periódicos CAPES e Lilacs. Foram selecionados 7 artigos para pesquisa, sendo que a partir deles foi possível concluir que a participação ou não participação das meninas nas aulas, é algo que vem de um passado distante, algo que está sendo normalizado na sociedade, em que aos meninos está estabelecido a prática do esporte, o que não acontece com as meninas.

Em outro texto, intitulado “A EF como território de demarcação dos gêneros possíveis: vivências escolares de pessoas travestis, transexuais e transgêneros” escrito por Neil Franco, traz o estudo realizado sobre os conflitos enfrentados pelas pessoas travestis, transexuais e transgêneros para se manterem na escola. São muitas problemáticas que influenciam de forma negativa na permanência dessas pessoas na escola, como por exemplo, as piadinhas maldosas dos colegas, proibição a utilização do banheiro feminino, desrespeito ao nome de mulher adotado, entre outros. Sendo essas pessoas, alunos(as) ou professores(as). Os dados foram obtidos através de entrevistas e questionários realizados com um grupo de 12 pessoas.

A pesquisa “EF escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula”, de autoria de Liane Aparecida Roveran Uchoga e Helena Altmann, é uma pesquisa que traz um estudo etnográfico realizado em escolas estaduais do estado de São Paulo. Esse estudo teve como objetivo entender as relações de gênero que surgem nas aulas de EF com conteúdos diferentes, a partir de observações e anotações feitas em um diário de campo.

Foi possível concluir um domínio dos meninos durante determinadas atividades, principalmente as que exigem capacidade física e força, gerando pouca participação de maneira efetiva por parte das meninas, que desenvolviam ações de liderança e organização, o que significa que, estar presente na aula, não garante envolvimento e nem participação igualitária. Mas, vale salientar, que também existe algumas exceções por parte das meninas.

Em outro texto selecionado, “EF, futebol e gênero: uma proposta de ensino a partir das relações de poder”, com autoria de Hudson Fabricius Peres Nunes, Thiago Farias Da Fonseca

Pimenta, Juliana Cesana e Alexande Janotta Drigo, temos um estudo que teve como função, observar a influência do futebol sobre as relações social e de poder entre os gêneros, nas aulas de EF de turmas do 4º e 5º ano (três turmas de cada ano) do ensino fundamental. O professor utilizou estratégias que proporcionassem aos alunos saírem da zona de conforto, deixando de lado as posições previamente estabelecidas.

Estratégias foram criadas visando incentivar e conscientizar os alunos que já eram estabelecidas na prática do futebol, de que suas colegas precisavam estar no mesmo contexto que o seu. Isso foi possível a partir de que os alunos estabelecidos vivenciaram situações que necessitava reflexão sobre valores sociais que estavam ligados a desigualdades de direitos. A partir da ajuda do professor e dos meninos, as meninas se esforçaram em aprender e assim, melhorar suas habilidades motoras diante do futebol.

Outro texto, de autoria de Silvester Franchi, cujo título é “Jogos tradicionais/populares como conteúdo da cultura corporal na EF escolar”, trata-se de um artigo que teve por objetivo apresentar como aulas a partir das vivências de jogos tradicionais/populares também são prazerosas e que podem reduzir a relação com os fatores esportivos. Assim como, possibilitar a eles, conhecer as brincadeiras e jogos vivenciadas por seus pais e avós, pois, os jogos utilizados nas aulas foram os que os alunos perguntaram a seus familiares quais eram os que eles praticavam quando crianças.

É importante proporcionar aos alunos essas vivências, visando não permitir que ocorra o esquecimento e a perda dos valores culturais construídos a partir dos jogos. Em determinados jogos, surgiu um pré-conceito a partir da relação de gênero, em jogos culturalmente enraizados como mais praticados por meninos, as meninas tinham reluta em participar, assim como os meninos, em alguns casos, o professor conseguiu desconstruir a situação.

O estudo intitulado “As masculinidades produzidas nas aulas de EF: percepções docentes”, de autoria de Marcelo Moraes e Silva e Maria Rita de Assis Cesar, buscou compreender quais são as percepções dos(as) professores(as) de EF sobre as masculinidades produzidas no interior de suas aulas. A escola faz parte da rede pública municipal de uma cidade localizada na região metropolitana de Curitiba/PR. A pesquisa contou com a participação de 19 docentes, e desses, 5 foram entrevistados, sendo três professores e duas professoras.

Sobre o decorrer de suas aulas, a maioria dos docentes afirmaram que em algum momento fazem a separação por sexo em determinadas atividades, e justificaram tal atitude, por encontrar resistência por partes dos(as) alunos(as) com aulas mistas. Resistência que se

afirmam pôr os meninos considerarem as meninas mais frágeis, lentas, não habilidosas e as meninas considerarem os meninos brutos e as discriminarem. Esses pontos nos permitem enxergar que a EF e principalmente as práticas esportivas contribuem de maneira significativa com as produções e representações quanto às masculinidades.

Já em outro texto, intitulado “Marcas de gênero na EF escolar: a separação de meninos e meninas em foco”, escrito por Priscila Gomes Dornelles, traz como o conceito de gênero influencia a EF escolar, tendo como base, as recorrentes separações de meninos e meninas durante a prática de determinadas atividades nas aulas. A pesquisa contou com a participação de 10 professores dos anos finais do ensino fundamental nas escolas da Rede Municipal de Porto Alegre/RS e seus dados foram coletados a partir de entrevistas. A EF escolar acaba sendo constituída a partir a categoria teórico-analítica, e assim, legitimando formas de ser menino e de ser menina, produzindo hierarquias e desigualdades.

Temos também a pesquisa “EF, gênero e escola: uma análise da produção acadêmica”, de autoria de Alexandre Jackson Chan-Vianna, Diego Luz Moura e Ludmila Mourão, em que foi realizado um levantamento referente às teses e dissertações produzidas no período de 1990 a 2005, pelos programas de pós-graduação *sensu stricto* em EF, em que as pesquisas foram coletadas no banco de teses do Núcleo Brasileiro de Dissertações e Teses em Educação Física e Educação Especial (NUTESES) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

A temática apresentada, traz vários debates em questão, sendo possível constatar o favorecimento da escola aos agrupamentos por sexo, sobre a escola reproduzir o modelo de discriminação dos papéis de masculinos e femininos que são existentes na sociedade. Segundo o texto, isso se dá através de atitudes, palavras e rituais, sendo o esporte o principal instrumento de reforço dessas discriminações.

O estudo de Rogério Cruz de Oliveira e Jocimar Daolio, intitulado “EF, cultura e escola: da diferença como desigualdade à alteridade como possibilidade”, traz uma investigação realizada numa escola da rede Estadual de Educação de São Paulo, no município de Campinas. A turma da 8ª série teve suas aulas de EF observadas durante um bimestre letivo. A professora alegou trabalhar dividindo a turma por sexo, utilizando como justificativa que tanto meninos, quanto meninas, sentiam-se mais à vontade dessa forma, também afirmou que os meninos são mais fortes, e que poderia ocasionar de alguma menina se machucar.

Outro fato foi que, mesmo o futebol sendo trabalhado em um bimestre, ele ainda se encontrava presente nas aulas de todo ano letivo. Mas a atenção e intervenção da professora não estava voltada para ele, os alunos que o praticavam ficavam “livres”, a professora tinha sua atenção para a outra aula realizada, que no caso era de voleibol. A professora justificou que o futebol era paixão dos alunos, e que eles iriam reclamar caso não o praticassem.

O texto “As representações do corpo feminino na EF escolar: um estudo com alunas do ensino médio”, escrito por Leila Salvini e Mauro Myskiw, teve por objetivo analisar a imagem social de meninas/adolescentes nas interações durante as aulas de EF em uma turma de 3º ano do ensino médio de um colégio estadual. Visou-se observar como as garotas manipulam e cuidam do corpo, visando a proteção de sua imagem social nas interações, podendo resguardar o equilíbrio entre o que “elas pensam de si” e o que “os outros pensam sobre elas”.

Outro fato observado/relatado foi em relação às roupas escolhidas pelas alunas, que visavam valorizar determinadas partes do corpo. A aluna com corpo magro optou por blusas coladas e calça tipo *legging* visando deixar os contornos do corpo bem visíveis, já a outra menina acima do peso, escolheu camiseta e *short* curto, visando destacar as pernas e ocultar a barriga. Durante as aulas mistas, foi possível observar meninas enfrentando os meninos e liderando os times femininos.

Temos também o artigo “Educação Física escolar: reflexões sobre as aulas de exclusão”, escrito por Fabiano Augusto Teixeira, que retrata como a exclusão pode aparecer nas aulas a partir de distintos autores, sendo eles os professores e os alunos, podendo eles promover a exclusão a partir de atitudes ou falas. O presente estudo foi realizado com alunos do 2º ano do ensino médio, em uma escola privada de Florianópolis SC, tendo idade em torno dos 17 anos, em que foram observados aspectos relacionados à exclusão, que são eles: gênero, competição e autoexclusão.

O gênero refere-se às dificuldades em se trabalhar com meninos e meninas juntos, na maioria das vezes meninos ficavam em uma equipe e as meninas em outra. A competição trouxe o aspecto do aluno que visava a individualidade com vistas a vencer a qualquer custo, em que esses reprendiam seus colegas que tivesse uma atitude de caráter lúdico. E por fim, a autoexclusão, foi dividida em 3 tipos: a autoexclusão declarada, em que uma aluna declarou ao professor que não iria fazer a aula, autoexclusão não declarada (quando os alunos que chegaram antes do professor a quadra e logo se deslocaram para outro local sem o professor perceber), e

a autoexclusão parcial, ou seja, quando os alunos que estavam presentes participavam da atividade, mas em determinado momento não faziam.

Em outro texto, intitulado “Representações de adolescentes femininas sobre os critérios de seleção utilizados para a participação em aulas mistas de EF”, de autoria de Catia Pereira Duarte e Ludmila Mourão, temos um estudo que buscou a compreensão das percepções reveladas nos discursos das alunas do 4º ciclo do ensino fundamental diante os critérios utilizados para atrair suas participações nas aulas mistas de EF. O estudo conta com uma abordagem qualitativa, em que foram realizadas 80 observações de aulas mistas de EF em 4 escolas Municipais do Rio de Janeiro e os dados coletados em diários de campo e através de entrevistas semiestruturadas.

Após realizar conversas informais com as alunas e com as professoras, foram traçados perfis das meninas que seriam entrevistadas: perfil A- menina que fazia as aulas e gostava de praticar as atividades; Perfil B – menina que fazia as aulas, mas variava comportamentos de indiferença e de esforço frente às atividades e Perfil C – menina que não participava das aulas e demonstrava insatisfação durante as aulas de EF.

Já a pesquisa “Análise etnográfica das relações de gênero em brincadeiras realizadas por um grupo de crianças de pré-escola: contribuições para uma pesquisa em busca dos significados”, escrito por Alan Marques da Silva e Jocimar Daolio, apresentou como objetivo compreender a inter-relação entre as categorias de gênero e infância articuladas diante as brincadeiras de determinado grupo de crianças da pré-escola com idade entre seis e sete anos. A pesquisa teve uma abordagem de cunho etnográfico e foi desenvolvida em uma escola Municipal de Educação Infantil, que fica situada na cidade de Campinas/SP, sendo que os dados foram anotados em um diário de campo.

Dentre as atividades, o futebol foi o jogo mais jogado durante todos os dias de observação. Sua prática geralmente era feita por membros da mesma turma, sendo esses quase sempre os meninos. Estes, em vários momentos, transformavam o jogo em algo violento, e quando um aluno reclamava com a professora, ela com muita tranquilidade respondia que era algo do jogo, que fazia parte correr e cair, e quando a professora tentava advertir o “agressor” era mais como forma de “acalmá-lo” do que visando realmente adverti-lo. Quando as meninas tentaram participar, uma entrou, mas logo saiu, e a outra, quando tocou na bola, nos poucos momentos que teve chance, foi bastante cobrada pelos meninos, até com palavras ofensivas, causando sua saída também.

Na pesquisa cujo título foi “O futebol nas aulas de Educação Física: entre “dribles”, preconceitos e desigualdades” de autoria de Rogério Cruz de Oliveira, é apresentado pelo autor um estudo que busca discutir e entender o fenômeno futebol nas aulas de EF de uma turma de 8ª série de escola pública, não visando apenas um caso à parte, mas sim, abrir caminhos para interpretações maiores. Tratou-se de uma turma com 36 alunos, sendo 15 meninos e 21 meninas, tendo 2 aulas de EF por semana. Aulas com grupos homogêneos, pois para a professora era mais fácil trabalhar assim e os alunos(as) preferiam, assim como também porque os “meninos eram mais fortes que as meninas”, o que podia gerar riscos de as meninas se machucarem.

A professora dividiu uma modalidade esportiva por bimestre, e a modalidade que seria trabalhada seria o voleibol, mas durante a aula, a professora ficava com um grupo na quadra coberta jogando vôlei e o restante ia para quadra externa jogar futebol. Mas a atenção da professora estava destinada ao voleibol, os que praticavam o futebol ficavam livres, em uma atividade recreativa ou de espera. As meninas até jogaram futebol em 3 dias, mas era um futebol sem muita qualidade, sem muita compreensão.

No texto “A construção de identidade e papéis de gênero na infância: articulando temas para pensar o trabalho pedagógico da EF infantil”, a autora Deborah Thomé Sayão, buscou apresentar as relações vivenciadas entre às crianças na educação infantil e a EF. Tendo a necessidade de que haja uma intencionalidade educativa em todas as ações docentes, visando proporcionar às crianças vivências coletivas que possam abrir portas possibilitando-as melhorar corporalmente e cognitivamente, para que apenas não façam o brincar pelo brincar.

Os dados foram coletados com observações, entrevistas, desenhos com as crianças, registros em diários de campo e filmagens em fita de vídeo que registraram 4 momentos das crianças na escola: chegada e saída, a hora do lanche, momentos da EF e as construções durante as brincadeiras livres no parque. Foram observadas as ações, linguagem corporal, os diálogos e interações das crianças de mesmo sexo e sexo oposto, assim como, o local onde brincavam, como brincavam e com quem brincavam. Também foi identificada uma nítida divisão sexual a partir de objetos, por exemplo, o prato rosa era destinado às meninas e o prato azul aos meninos, e ambos conversavam bastante sobre isso, visando determinar uns aos outros o que cabia para cada um

Por fim, no texto “EF escolar, co-educação e gênero: mapeando representações de discentes”, escrito por Mauro Louzada de Jesus e Fabiano Pries Devide, é apresentada uma

pesquisa, sobre as representações dos discentes com relação às aulas de EF separadas por sexo e também em turma mista. Um forte argumento que é utilizado para validar a separação por sexo é que as meninas são menos habilidosas que os meninos, o que acabaria atrapalhando o desempenho da aula. Quando se fala em aulas mistas, foi identificado um sentimento de recusa por parte de ambos os grupos (meninos e meninas). Mas é importante proporcionar aos alunos e alunas que vivenciem aulas mistas, visando desconstruir estereótipos sexuais e proporcionar para ambos a viabilização dos conteúdos de maneira igualitária.

A pesquisa teve um caráter qualitativo e descritivo, em que os dados foram coletados a partir de uma entrevista de grupo focal e um teste de associação livre de palavras. Foram escolhidos para participar 6 alunos do segundo ano do ensino médio, sendo 3 meninos e 3 meninas, ambos de uma escola estadual do Rio de Janeiro, com idade entre 14 e 15 anos.

### **Analisando os dados**

Após a leitura dos 27 textos encontrados, identificamos que as 5 revistas que mais publicaram sobre a temática foram a: *Motrivivência*, *Movimento*, *Pensar a Prática*, *Revista Brasileira de Ciências do Esporte – CBCE* e a *Brasileira de Educação Física e Esporte (USP)*.

Em contrapartida, os/as autores/as que mais vêm publicando sobre a temática são: **Silvana Vilodre Goellner**, **Ludmila Mourão**, **Lara Felix Jacoby** e **Neil Franco**, ambos com 2 textos publicados. Dos textos publicados por Silvana, todos têm publicação em 2020; os da Ludmila são de 2007 e 2009, os de Lara são ambos de 2020 e os de Neil são de 2016 e 2020.

Outro ponto que é possível analisar, é que a temática ainda é um debate recente, pois dos 29 textos selecionados, todos têm data de publicação a partir de 2006. Isso mostra que é um assunto que vem ganhando espaço e importância pelos agentes da EF brasileira.

No quadro abaixo, estão apresentados os conflitos que foram encontrados nos artigos selecionados para pesquisa, assim como, as possíveis ações pedagógicas, que foram (ou não) operacionalizadas pelos(as) professores(as).

**Quadro 3:** Apresentação dos conflitos e ações pedagógicas encontradas

<b>Conflitos</b>	<b>Ações pedagógicas utilizadas</b>
As mulheres serem menos habilidosas no esporte e menos agressivas, já os meninos, são considerados habilidosos, fortes e agressivos	Rodas de conversa com todos os alunos no fim da aula, visando encontrar soluções para os conflitos encontrados durante as atividades
Aluno querendo bater o colega, devido a ele está coreografando uma música de Anitta	Não observamos nenhuma ação pedagógica - professor foi conivente ou omissos
O aluno ao tentar participar da brincadeira com as petecas e a corda, foi repreendido por sua colega, onde a mesma falou que aquele era o espaço das meninas	Não observamos nenhuma ação pedagógica - professor foi conivente ou omissos
Meninas com vergonha de realizar determinada atividade, porque os meninos iriam “zoar” caso elas executassem errado	Não observamos nenhuma ação pedagógica - professor foi conivente ou omissos
Meninas constrangidas ao realizar certas exigências motoras. Se preocupam com o fato de não realizarem o gesto esportivo ou o movimento exigido segundo a habilidade esperada pelos colegas	Não foi relatado na pesquisa uma ação direta do professor
Alunas/os trans na escola sujeitos a proibição a utilização do banheiro feminino e as piadinhas maldosas dos colegas e o desrespeito ao nome de mulher que adotam	Não observamos nenhuma ação pedagógica - professor foi conivente ou omissos
As meninas não tentavam saltar de maneira diferente da que elas já conseguiam, e saltavam um número mínimo de vezes	Não houve uma percepção do professor quanto a essa situação das meninas, nem nenhum estímulo por parte dele para que elas saltassem de outras maneiras
Desinteresse por parte de algumas meninas em participar das aulas de futebol, justificando como um esporte masculino e agressivo	Utilizou o exemplo das meninas (estabelecidas) que já possuíam prestígio entre os estabelecidos, solicitando a elas, que incentivassem as(os) demais
As meninas, quando manifestavam interesse em jogar futebol, eram rotuladas negativamente pelos meninos de “ruins de bola”, “sapatão” ou “macho-fêmea”	Não foi relatado na pesquisa uma ação direta do professor
Receio dos meninos em participar da brincadeira das Cinco Marias, por ser uma brincadeira socialmente para meninas, alguns meninos tiveram receio em participar	“Nesta brincadeira instiguei os alunos usarem da criatividade na hora de feitio das Cinco Marias, entre os meninos surgiram os cinco manos, os cinco mc’s.”
Resistência com aulas mistas, os meninos considerando as meninas mais frágeis, lentas, não habilidosas, e as meninas considerando os	Os professores na maioria das vezes acatam ao pedido dos alunos por aulas separadas

meninos brutos e discriminatórios quanto a participação das meninas.	
Aspecto competitivo, em que o aluno visava vencer a qualquer custo. Os meninos repreendiam seus colegas que tivessem uma atitude de caráter lúdico	Não foi relatado na pesquisa uma ação direta do professor
Reclamação de algum menino à sua professora sobre algum tipo de ‘agressão’ sofrida no jogo de futebol	“O jogo é assim mesmo, a gente corre, cai” (pontuou como sendo característica do jogo)
Outra menina que entrou no jogo, nas poucas vezes em que teve a oportunidade de tocar na bola, foi muito cobrada pelos meninos e muitas vezes até com palavras ofensivas	Não foi relatado na pesquisa uma ação direta do professor
Meninos monopolizavam a prática de futebol, excluindo outros meninos devido a “falta” de habilidade, por não serem “bem-vistos” pelos colegas e por sua aparente afeminização	Não foi relatado na pesquisa uma ação direta do professor

Fonte: Organizado pela pesquisadora (2023)

Analisando os dados apresentados anteriormente, refletimos sobre possíveis ações que podem ser executados diante de certos conflitos existentes nas aulas. Como por exemplo, a justificativa para realização das aulas separadas por gênero, em que é alegado que “as meninas são menos habilidosas que os meninos”, visando minimizar esse ocorrido em sua aula, um professor realizou rodas de conversas com a turma no final da aula, buscando soluções para o conflito.

Evitar essa separação entre meninos e meninas, segundo os textos analisados, vai ajudar a reduzir os estereótipos criados, assim como o receio sentido pelas meninas em executarem determinadas atividades enquanto os meninos estão olhando para elas, isso ocorre por vergonha e/ou medo de realizar o movimento de maneira “errada” ou até mesmo de não conseguir realizar certos movimentos, e o meninos zombarem delas.

O conflito que apareceu bastante nos textos foi com relação à “agressividade” dos meninos com as meninas durante aulas mistas. Com relação a temática, De Jesus e Devede (2006) apresentam no seu estudo algumas falas de alunas: As alunas tendem a focalizar o discurso na violência dos alunos, traduzida pela “brutalidade”, que representa ameaça de lesão física. A presença de alunos no jogo misto tende a intimidar as alunas, que optam por tornarem-se coadjuvantes, sem terem iniciativa em participar: “Quando as meninas estão sozinhas, elas têm uma coragem maior de tentar jogar” (Michelly); ou como ressalta Mayara: “Eu prefiro as aulas separadas, porque os garotos são muito brutos”.

Outro ponto relevante observado nos textos é que a não separação da turma pode ajudar no respeito para com os colegas, como quando observamos nos relatos conflitos em que meninos usaram palavras ofensivas contra meninas durante a aula prática de futebol, assim como o colega que quis bater no outro só por ele estar coreografando uma música da cantora Anitta<sup>6</sup>. É preciso trabalhar visando que meninos e meninas cresçam aprendendo a respeitar as diferenças existentes entre cada um, para que futuramente tenhamos adultos conscientes e mais respeitosos.

Uma outra problemática que surgiu com frequência nos textos, está relacionado a vergonha/medo das meninas em realizar determinadas atividades na frente dos meninos. Elas relatam o medo de fazer errado ou até de não conseguir realizar, e os meninos “zoarem” delas.

Isso faz repensar o nosso fazer pedagógico, visando operacionalizar atividades que possibilitem vivências igualitárias para meninos e meninas, independente da temática que seja utilizada na aula, ambos precisam ter oportunidade de experienciar as mais variadas práticas corporais, respeitando suas singularidades e sem restrições relacionadas as questões de gênero.

A seguir, estão apresentados no quadro abaixo os tipos textuais de cada artigo que foi selecionado e utilizado em nossa pesquisa, em que tais textos estão distribuídos em quatro colunas: revisão bibliográfica, originais empíricos e ensaios.

**Quadro 4:** Divisão dos tipos dos artigos

Revisão Bibliográfica	Originais empíricos	Ensaio
Sexualidade e EF escolar nos periódicos brasileiros (1979-2018) / Henrique, Pinho e Franco (2020)	Questões de gênero na EF escolar: uma análise nas zonas distritais de Rio Grande-RS/ Mortola e Ernst (2021)	Intersecção entre EF e a Filosofia: ensaio para o ensino do esporte e igualdade de gênero no ensino médio/ Henrique e Augusto (2021)
Discussão de gênero nas aulas de EF: uma revisão sistemática/ Rocha, Silva, Teixeira e Lopes (2016)	A EF em uma escola militar: de turmas separadas por sexo e por altura a turmas mistas/ Félix e Vilodre (2020)	
EF, gênero e escola: uma análise da produção acadêmica/ Chan-Vianna, Moura e Mourão (2009)	EF e questões de gênero: motivos para a escolha de modalidades esportivas por estudantes do ensino médio	

<sup>6</sup> Cantora brasileira de funk chamada Larissa de Macedo Machado, conhecida internacionalmente pelo nome artístico Anitta.

	de uma escola militar/ Félix e Vilodre (2020)	
	Cadê o viado que tava aqui? O preconceito e a discriminação excluíram da quadra de aula/ Silva, Hariel, Torres e Pedro (2020)	
	Diferenças de gênero na avaliação qualitativa de atividades físicas e sedentárias de escolares de 7 a 10 anos no nordeste brasileiro/Mercês, Andrade, Argolo, Altenburg e Kupek (2020)	
	Repensando as relações de gênero nas vivências do ultimate <i>frisbee</i> na escola/ Tavares e Aparecida (2019)	
	Performatizações <i>queer</i> na EF escolar/ Marques e Teofilo (2019)	
	As relações das meninas com os saberes das lutas nas aulas de EF/ So, Zuaneti e Betti (2018)	
	Identidade de gênero e suas implicações sobre a sexualidade na perspectiva de professores de EF/ Gomes e Gondim (2016)	
	A EF como território de demarcação dos gêneros possíveis: vivências escolares de pessoas travestis, transexuais e transgêneros/ Franco (2016)	
	EF escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula/ Uchoga e Altmann (2016)	
	EF, futebol e gênero: uma proposta de ensino a partir das relações de poder/ Nunes, Pimenta, Cesana e Drigo (2014)	
	Jogos tradicionais/populares como conteúdo da cultura	

	corporal na EF escolar/ Franchi (2013)	
	As masculinidades produzidas nas aulas de EF: percepções docentes/ Moraes e De Assis Cesar (2012)	
	Marcas de gênero na EF escolar: a separação de meninos e meninas em foco/ Dornelles (2012)	
	EF, cultura e escola: da diferença como desigualdade à alteridade como possibilidade/ De Oliveira e Daolio (2009)	
	As representações do corpo feminino na EF escolar: um estudo com alunas do ensino médio/ Salviani e Myskiw (2009)	
	EF escolar: reflexões sobre as aulas de exclusão/ Texeira (2009)	
	Representações de adolescentes femininas sobre os critérios de seleção utilizados para a participação em aulas mistas de EF/ Durte e Mourão (2007)	
	Análise etnográfica das relações de gênero em brincadeiras realizadas por um grupo de crianças de pré- escola: contribuições para uma pesquisa em busca dos significados/ Da Silva e Daolio (2007)	
	O futebol nas aulas de EF: entre “dribles”, preconceitos e desigualdades/ De Oliveira (2006)	
	A construção de identidade e papéis de gênero na infância: articulando temas para pensar o trabalho pedagógico da EF infantil/ Sayão (2006)	
	EF escolar, co-educação e gênero: mapeando representações de discentes/ De Jesus e Devede (2006)	

Fonte: Organizado pela pesquisadora (2023)

No quadro apresentado anteriormente trazemos os tipos dos textos selecionados. Dos 27 textos que foram selecionados, identificamos que maioria se tratou de textos originais empíricos, sendo um total de 23 textos, os outros 4 referem-se a 3 artigos de revisão bibliográfica, 1 texto configurado como um ensaio.

A partir dessas informações coletadas e analisadas, podemos concluir que por ser uma temática que vem sendo debatida recentemente com mais intensidade e relevância, justifica-se a quantidade superior de textos com caráter empírico, em que, dos 10 textos que datam de 2006 a 2009, apenas 1 do ano de 2009 não entrou nessa categoria. A quantidade de textos empíricos pode ter relação com o fato de ser uma temática que não era muito debatida nos anos anteriores, e assim, necessitando a produção de trabalhos.

Dentre os 23 textos de caráter originais (empíricos), 9 obtiveram seus dados coletados através de entrevistas semiestruturadas e questionários, 12 através de observação/ diários de campo, 1 foram elaborados a partir de observação e entrevistas e 1 utilizou-se de observações, entrevistas, desenhos com as crianças, registros em diários de campo e filmagens em fita de vídeo.

Apesar de suas divergências, como por exemplo, nos tipos e em seus métodos de coletas de dados, os textos selecionados convergem em muitas coisas, a partir de suas leituras é possível perceber que estes debatem as mesmas temáticas, porém de formas diferentes.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho trouxe como objetivo geral identificar e analisar, a partir dos principais periódicos brasileiros de EF, a produção existente de 21 anos (2000-2021) no que se refere às ações pedagógicas executadas ou não, diante os conflitos causados a partir das relações de gênero nas aulas de EF. Como vimos, os dados desta pesquisa foram coletados nas revistas de EF com qualificação Qualis/CAPES de A1 a B2, chegando-se a 27 (vinte e sete) textos científicos analisados.

Foi identificado que as revistas *Motrivivência* e a *Movimento* foram as que mais publicaram sobre a temática, isso não ocorreu por acaso, mas sim, por serem duas revistas declaradamente com viés sociocultural dentro da EF brasileira, em que, buscam da vazão a esse tipo de conhecimento que trazem temas da atualidade e do contemporâneo.

Observamos, que muitos conflitos que se referem à temática de gênero e sexualidade no que concerne às questões da EF ainda seguem sem ações pedagógicas visando a resolução desses problemas, em certos casos, o professor não chegou a tomar nenhuma atitude ou nem chegou a perceber o fato.

Chegamos à conclusão de que as questões de gênero têm influência nas relações que abarcam as aulas de EF, implicando de forma direta no decorrer da aula, afetando de maneira positiva ou negativa os/as envolvidos/as nesses processos pedagógicos que compreendem a tematização e as práticas da cultura de movimento. Em vários textos foi relatado por alunas a vergonha em realizar determinada atividade quando os meninos estão olhando para elas, devido aos medos de executarem o movimento de maneira “errada” ou até mesmo de não conseguir, e os meninos zombarem delas.

Isso acontece, porque existe uma valorização culturalmente definida pela habilidade dos meninos nas práticas, em que, devido a essa valorização, existe uma pressão/cobrança para com as meninas que acaba resultando em rejeição ou medo das mesmas em participar das aulas. O que muitas vezes acaba em aulas separadas por gênero, meninos com meninos e meninas com meninas. Dessa forma, os resultados femininos obtidos, sempre são baseados e comparados com performances masculinas, o que acaba sempre desvalorizando e definindo as mulheres como esportistas de “segunda classe”.

Também foi apresentado os “perfis” de meninas nas aulas, em que elas praticamente são divididas em 3: as que possuem habilidades nas práticas, as que não possuem tanta

habilidade, e tentam melhorar isso, mas não conseguem, e por fim, as que não possuem domínio das técnicas e que não fazem questão de tentar aprender.

Assim, concluo que o objetivo da pesquisa foi alcançado, tendo em vista que foi possível identificar algumas ações pedagógicas operacionalizadas pelos professores, assim como também os conflitos causados pelas relações de gênero nas aulas de EF. Mas, em contrapartida, outros conflitos seguiram sem ações pedagógicas, como foi apresentado no quadro 3, o que permite identificar uma limitação na pesquisa.

Observando o material estudado, ficou comprovado a existência do discurso de que meninos e meninas apresentam habilidades e performances diferenciadas, enfatizando uma maior habilidade para os meninos e uma maior fragilidade corporal para práticas corporais em relação às meninas, o que nos possibilita refletir em como nós, professores e professoras, podemos fazer para minimizar essa realidade. Pensando assim é necessário buscar maneiras para que ambos possam desenvolver-se motoramente de forma autônoma, pois, como as meninas irão desenvolver suas habilidades, se não são “alimentadas”, desde cedo, a essa condição, como são os meninos?

O trabalho me faz pensar se talvez eu não estaria privando os meninos de vivências mais intensas entre eles durante as aulas de EF utilizando aulas mistas, mas também me possibilitou refletir sobre como isso também pode ajudar as meninas a desenvolverem suas habilidades, assim como ajudar os meninos a desenvolverem respeito com relação às meninas. Sabemos que ainda existe muito a ser melhorado diante das questões de gênero e sua relação nas aulas de EF, mas, é uma temática que vem ganhando mais visibilidade e que futuramente serão colhidos muitos frutos, necessitando que esse trabalho de observação, crítica e apontamentos, bem como, de soluções, siga ocorrendo.

Para encerrar, deixamos uma indagação, intentando seguir o processo de reflexão que envolve essa temática gênero, sexualidade e EF: se meninos e meninas fossem “incentivados(as)” desde cedo, a vivenciar das mesmas “liberdades” e atividades, assim como, a respeitar as diferenças existentes entre si, ajudaria a minimizar os conflitos e as “verdades” opressoras existentes nas aulas?

## REFERÊNCIAS

- ALTMANN, Helena; AYOUB, Eliana; AMARAL, Sílvia Cristina Franco. Gênero na prática docente em educação física educação física: “meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar?”. **Estudos Feministas**, v. 19, n. 2, p. 491-501, 2011
- ARAÚJO, Maria de Fátima. **Diferença e igualdade nas relações de Gênero: revisitando o debate**. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pc/a/BVXTfbqbzJJYh7pwSkjdzpN/?lang=pt> Acesso em: 08 ago. 2023.
- AUAD, Daniela. **Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola**. São Paulo. Editora Contexto, 2006.
- BALBINO, Marcela Albertini; CARDOSO, Priscila Carla; FONSECA, Débora Cristina. Violências de gênero, sexualidade e educação física escolar: como essa questão social vem sendo tratada no contexto escolar. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 35, n. Especial, p. 63-70, 2021.
- BARRETO, Beatriz; MEZZAROBA, Cristiano. Resenha do livro: Educação Física e sexualidade: desafios educacionais. **Motrivivência**, v. 33, n. 64, p. 1-10, 2021.
- CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. Metodologia científica para uso dos estudantes universitários. In: **Metodologia científica para uso dos estudantes universitários**. 1973. p. 158-158.
- CHAN-VIANNA, Alexandre Jackson; MOURA, Diego Luz; MOURÃO, Ludmila. Educação Física, gênero e escola: uma análise da produção acadêmica. **Movimento**, v. 16, n. 2, p. 149-166, 2010.
- CORREIA, Mesaque Silva; CARVALHO, Joanna Hariel A.; DA SILVA, Geovana Torres; E SILVA, Italo Marcelo Pedro A. Cadê o viado que tava aqui? O preconceito e a discriminação excluíram da quadra de aula. **Motrivivência**, v. 32, n. 63, p. 01-20, 2020.
- DA ROCHA MATOS, Naiara, BRASILEIRO, Geisa Silva; ROCHA, Rodolfo Texeira; NETO, Jorge Lopes Cavalcante. Discussão de gênero nas aulas de Educação Física: uma revisão sistemática. **Motrivivência**, v. 28, n. 47, p. 261-277, 2016.
- DA SILVA, Alan Marques; DAOLIO, Jocimar. Análise etnográfica das relações de gênero em brincadeiras realizadas por um grupo de crianças de pré-escola: contribuições para uma pesquisa em busca dos significados. **Movimento**, v. 13, n. 1, p. 13-36, 2007.
- DE JESUS, Mauro Louzada; DEVIDE, Fabiano Pries. Educação física escolar, co-educação e gênero: mapeando representações de discentes. **Movimento**, v. 12, n. 3, p. 123-140, 2006.
- DE MELLO, Erica Janecek. **Estudos de gênero no âmbito das Ciências Sociais: material de apoio para o professor de Sociologia do Ensino Médio**. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2010. Disponível em: <https://ensinosociologia.fflch.usp.br/sites/ensinosociologia.fflch.usp.br/files/2010-1-Erica%20Janecek-Estudos%20de%20genero%20no%20ambito%20das%20Ciencias%20Sociais-1-texto.pdf> Acesso em: 08 ago. 2023.
- DE OLIVEIRA, Maxwell Ferreira. **Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em Administração**. Universidade Federal de Goiás. Catalão-GO, 2011. Disponível em:

[https://adm.catalao.ufg.br/up/567/o/Manual\\_de\\_metodologia\\_cientifica\\_-\\_Prof\\_Maxwell.pdf](https://adm.catalao.ufg.br/up/567/o/Manual_de_metodologia_cientifica_-_Prof_Maxwell.pdf) Acesso em: 23 mar. 2019.

DE OLIVEIRA, Rogério Cruz; DAOLIO, Jocimar. Educação Física, cultura e escola: da diferença como desigualdade à alteridade como possibilidade. **Movimento**, v. 16, n. 1, p. 149-167, 2010.

DE OLIVEIRA, Rogério Cruz. O futebol nas aulas de Educação Física: entre “dribles”, preconceitos e desigualdades. **Motriz. Revista de Educação Física. UNESP**, v. 12, n.3, p. 301-306, 2006.

DIAS, Thais Mortola; FRIZZO, Giovanni Felipe Ernst. Questões de gênero na educação física escolar: uma análise nas zonas distritais de Rio Grande-RS. **Pensar a Prática**, Goiânia. v. 24, 2021.

DORNELLES, Priscila Gomes. Marcas de gênero na Educação Física escolar: a separação de meninos e meninas em foco. **Motrivivência**, n. 37, p. 12-29, 2011.

DUARTE, Cátia Pereira; MOURÃO, Ludmila. Representações de adolescentes femininas sobre os critérios de seleção utilizados para a participação em aulas mistas de educação física. **Movimento**, v. 13, n. 1, p. 37-56, 2007.

EVANGELISTA, Marcio Henrique Scotelano; MACHADO, Bruna Pinho; FRANCO, Neil. Sexualidade e Educação Física escolar nos periódicos brasileiros (1979-2018). **Motrivivência**, v. 32, n. 62, 2020.

FRANCHI, Silvester. Jogos tradicionais/populares como conteúdo da cultura corporal na Educação Física escolar. **Motrivivência**, n. 40, p. 168-177, 2013.

FRANCO, Neil. A Educação Física como território de demarcação dos gêneros possíveis: vivências escolares de pessoas travestis, transexuais e transgêneros. **Motrivivência**, v. 28, n. 47, p. 47-66, 2016.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Artmed, 2008.

GARCIA, Rafael Marques; BRITO, Leandro Teófilo de. Performatizações queer na educação física escolar. **Movimento**, v. 24, p. 1321-1334, 2022.

GIULIATO, Mauro Volney. **Bullying nas escolas e suas consequências**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 05, Ed. 11, Vol. 08, p. 84-102. Novembro de 2020. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/bullying-nas-escolas>, Acesso em: 12 jul. 2023.

HEILBORN, Maria Luiza. De que gênero estamos falando? Sexualidade, Gênero e Sociedade. **Programa de Estudos e Pesquisa em Sexualidade, Gênero e Saúde**, n. 2 CEPESC/IMS/UERJ 1994.

HEILBORN, Maria Luiza; SORJ, Bila. Estudos de gênero no Brasil. **O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)**, v. 2, p. 183-221, 1999.

JACOBY, Lara Felix; GOELLNER, Silvana Vilodre. A Educação Física em uma escola Militar: de turmas separadas por sexo e por altura a turmas mistas. **Movimento**, v. 26, P. e26031, 2020.

JACOBY, Lara Félix; GOELLNER, Silvana Vilodre. Educação Física e questões de gênero: motivos para a escolha de modalidades esportivas por estudantes do ensino médio de uma escola militar. **Motrivivência**, v. 32, n. 62, 2020.

JESUS, Gilmar Mercês; DIAS, Lizziane Andrade; CERQUEIRA, Priscila de Argolo; DE ASSIS, Maria Alice Altenburg; KUPEK, Emil. Diferenças de gênero na avaliação qualitativa de atividades físicas e sedentárias de escolares de 7 a 10 anos no nordeste brasileiro. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 42, 2020.

LUZ JUNIOR, Agripino Alvez. Gênero e educação física: tornando visíveis fronteiras e outras formas de reconhecimento. **Motrivivência, Florianópolis**, n. 19, p. 69-76, 2002.

MACHADO, Aline Gomes; PIRES, Roberto Gondim. Identidade de gênero e suas implicações sobre a sexualidade na perspectiva de professores de Educação Física. **Motrivivência**, v. 28, n. 48, p. 360-375, 2016.

MORAES, Marcelo; CESAR, Maria Rita de Assis. As masculinidades produzidas nas aulas de educação física: percepções docentes. **Motrivivência**, n. 39, p. 101-112, 2012.

NUNES, Hudson Fabricius Peres; PIMENTA, Thiago Farias da Fonseca; CESANA, Juliana; DRIGO, Alexandre Janotta. Educação física, futebol e gênero: uma proposta de ensino a partir das relações de poder. **Pensar a prática**, v. 17, n. 4, 2014.

Painel do Coronavírus da OMS(COVID-19). **World Health Organization**, 2023. Disponível em: <https://covid19.who.int/>. Acesso em: 11 jul. 2023.

SALVINI, Leila; MYSKIW, Mauro. As representações do corpo feminino na Educação Física escolar: um estudo com alunas do ensino médio. **Pensar a Prática**, v. 12, n. 3, 2009.

SAYÃO, Deborah Thomé. A construção de identidade e papéis de gênero na infância: articulando temas para pensar o trabalho pedagógico da educação física infantil. **Pensar a prática**, v. 5, p. 1-14, 2002.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade, v. 20. N. 2, 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721> Acesso em: 18 jul. 2023.

SILVA, Paula; BOTELHO-GOMES, Paula; GOELLNER, Silvana Vilodre. Educação física no sistema educativo português: um espaço de reafirmação da masculinidade hegemônica. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 22, n. 3, p. 219-233, 2008.

SILVA, Susana Maria Veleda da. **Os estudos de gênero no Brasil**: algumas considerações. 2000. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/b3w-262.htm> Acesso em: 23 mar. 2019

SILVEIRA, Ana Aparecida Tavares da; DIAS, Maria Aparecida. Repensando as relações de gênero nas vivências do ultimate frisbee na escola. **Motrivivência**, v. 31, n. 58, 2019.

SILVERIO, Roberto Miguel. **Gênero no discurso das ciências sociais**. Webartigos, 2016. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/genero-no-discurso-das-ciencias-sociais/142346>. Acesso em: 08 ago. 2023

SO, Marcos Roberto; MARTINS, Mariana Zuaneti; BETTI, Mauro. As relações das meninas com os saberes das lutas nas aulas de Educação Física. **Motrivivência**, v. 30, n. 56, p. 29-48, 2018.

SOUSA, Eustáquia Salvadora de; ALTMANN, Helena. **Meninos e meninas**: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. Cadernos Cedes, v. 19, p. 52-68, 1999. <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/WmskFBM75bMM855MZYhYvvgb/> Acesso em: 20 mar. 2023.

TEIXEIRA, Fabiano Augusto. Educação Física escolar: reflexões sobre as aulas de exclusão. **Motrivivência**, n. 32-33, p. 335-343, 2009.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a Pesquisa Qualitativa em Educação**. v. 5, São Paulo: Atlas, 2009.

UCHOGA, Liane Aparecida Roveran; ALTMANN, Helena. Educação física escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 38, p. 163-170, 2016.

VOTRE, Sebastiao Josue; MOURÃO, Ludmila; GOELLNER, Silvana Vilodre; FIGUEIRA, Márcia Luiza Machado. **Gênero, raça, idade e deficiência: Integração em projetos sociais do Rio de Janeiro**. 2009.